



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANA VITORIA CAMPOS MOURA

**DE HERÓI A VILÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SIMPLÍCIO DIAS DA  
SILVA**

PARNAÍBA-PI  
2025

M929h Moura, Ana Vitória Campos.  
De herói a vilão: as representações sociais de Simplicio Dias  
da Silva / Ana Vitoria Campos Moura. - 2025.  
57f.: il.

Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual  
do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira - Parnaíba,  
2025.

"Orientação: Profa. Dra. Lêda Rodrigues Vieira".

1. História Local. 2. Parnaíba-PI. 3. Simplicio Dias da Silva.  
4. Ensino de História. 5. Memória. I. Vieira, Lêda Rodrigues . II.  
Título.

CDD 920

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
José Edimar Lopes de Sousa Júnior (Bibliotecário) CRB-3\*/1512

ANA VITORIA CAMPOS MOURA

**DE HERÓI A VILÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SIMPLÍCIO DIAS DA  
SILVA**

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Licenciatura em História, do Campus  
Professor Alexandre Alves de Oliveira, da  
Universidade Estadual do Piauí, para a  
obtenção do grau de licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Lêda Rodrigues  
Vieira.

PARNAÍBA-PI

2025

ANA VITORIA CAMPOS MOURA

**DE HERÓI A VILÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SIMPLÍCIO DIAS DA  
SILVA**

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Licenciatura em História, do Campus  
Professor Alexandre Alves de Oliveira da  
Universidade Estadual do Piauí, para a  
obtenção do grau de licenciada em História.

Este exemplar corresponde à redação  
final da monografia avaliada pela banca  
examinadora em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lêda Rodrigues Vieira (Orientadora)

Universidade Estadual do Piauí

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Luciane Moreira Andrade de Lima (Examinadora)

Centro Estadual de Tempo Integral Polivalente Lima Rebelo

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Danilo Alves Bezerra (Examinador)

Universidade Estadual do Piauí

## AGRADECIMENTOS

A trajetória até aqui foi, sem dúvidas, desafiadora. Passei por dificuldades externas e dentro de mim mesma, construí e reconstruí. Porém, todos os desafios e dificuldades me tornaram quem eu sou, me ensinaram e me fizeram amadurecer, seja como pessoa ou como profissional. No fim, sou grata por tudo.

A Ana Vitória criança estaria feliz e orgulhosa de quem a Ana Vitória adulta está se tornando. Meus avós, que não estão mais aqui, também estariam orgulhosos. Minha gratidão eterna a eles, Dona Lourdinha e Sr. Barros Lins, por cada ensinamento e momentos de afeto. Agradeço principalmente a Deus e a espiritualidade amiga, pois sempre estão comigo me fortalecendo independente do momento, sou grata por toda a proteção e boas vibrações diárias. Sou grata também ao meu irmão, Arthurzinho, por ter me alegrado todos os dias, por me ensinar a ser uma professora melhor e mais acolhedora.

Agradeço aos meus pais, eles se esforçaram muito para me fazer chegar até aqui, cada um com o seu jeito, colaborando para o meu crescimento moral e acadêmico. Sempre me apoiando nos estudos e fazendo o possível para que eu tivesse as melhores oportunidades. Outra pessoa essencial na minha trajetória é minha madrinha, Cinthya, que também fez o papel de mãe e educadora na minha vida, faz o possível para me ver bem e sempre confiou muito no meu potencial como estudante desde criança. Obrigada, Dinha, por acreditar tanto em mim e por todo apoio.

Agradeço ao meu gatinho Alvinho, que nos momentos em que a ansiedade apertava, ele vinha e se deitava no meu colo, me acalentando. Por muitas noites e madrugadas, ele ficou junto comigo na escrivaninha me dando apoio e carinho de formas únicas. Agradeço a minha namorada Lara, pois sempre me motivou bastante durante esses anos de curso, contribuiu para eu me tornar uma pessoa melhor e profissional melhor. Sou grata por ela lembrar diariamente do meu potencial, acreditar nos meus propósitos, me escutar e por todo apoio.

Agradeço aos meus amigos e amigas de curso por todas as vivências compartilhadas, seja nos grupos de estudo, eventos, idas ao açaí e pizzaria. Ter vocês, em especial o Henrique que me acompanha desde o ensino médio, tornou essa jornada acadêmica mais leve e divertida. Além disso, sou grata por todo o corpo docente do curso de História, vocês contribuíram muito para nossa formação, cada aula e cada conselho estarão sempre guardados e serão sempre lembrados. Para finalizar, agradeço especialmente à minha orientadora Lêda Vieira, que foi cuidadosa e paciente comigo, obrigada por cada ensinamento.

## RESUMO

Este estudo analisa como as representações sociais de Simplício Dias da Silva foram construídas, difundidas e preservadas ao longo do tempo. A problemática da pesquisa busca investigar a dualidade da imagem de Simplício Dias, confrontando a narrativa heroica construída e preservada pela elite parnaibana com a visão crítica e lendária presente no imaginário popular. Além disso, traz reflexões acerca do ensino de história local e como esta personalidade está sendo abordada. A pesquisa está dividida em três partes, utilizando a análise crítica de fontes que cobrem diferentes recortes temporais, como o *Almanaque da Parnaíba* (1936 e 1940), o livreto *Simplício Dias da Silva: Resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí* (2007), o livro *Simplício Dias da Silva: O herói e sua epopeia* (2024), além de registros populares como *Simplício, Simplição da Parnaíba* (1978) e artigos do jornal *O Bembém*. A metodologia utilizada combina pesquisa documental e análise historiográfica, articulando fontes escritas, iconográficas e orais. O estudo fundamenta-se nos referenciais teóricos de Pierre Bourdieu (1989), Michel Foucault (1970) e Roger Chartier (1988).

**Palavras-chave:** História local; Parnaíba-PI; Simplício Dias da Silva; Ensino de História; Memória.

## ABSTRACT

This study analyzes how the social representations of Simplício Dias da Silva were constructed, disseminated, and preserved over time. The research problem seeks to investigate the duality of Simplício Dias's image, confronting the heroic narrative constructed and preserved by the Parnaíba elite with the critical and legendary view present in popular imagination. Furthermore, it offers reflections on the teaching of local history and how this figure is being approached. The research is divided into three parts, using critical analysis of sources covering different time periods, such as the Almanaque da Parnaíba (1936 and 1940), the booklet Simplício Dias da Silva: Summary of His Life and Struggle for the Independence of Piauí (2007), the book Simplício Dias da Silva: The Hero and His Epic (2024), as well as popular records such as Simplício, Simplíção da Parnaíba (1978) and articles from the newspaper O Bembém. The methodology used combines documentary research and historiographical analysis, integrating written, iconographic, and oral sources. The study is based on the theoretical frameworks of Pierre Bourdieu (1989), Michel Foucault (1970), and Roger Chartier (1988).

**Keywords:** Local history; Parnaíba-PI; Simplício Dias da Silva; History teaching; Memory.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O HEROÍSMO DE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA PARA A ELITE PARNAIBANA</b>	<b>15</b>
2.1 Século XX: Como a memória heroica de Simplício Dias da Silva é escrita no Almanaque da Parnaíba .....	15
2.2 Século XXI: Preservação e propagação da memória heroica de Simplício Dias da Silva na contemporaneidade .....	20
2.3 Relação entre as fontes analisadas .....	26
<b>3 SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO IMAGINÁRIO POPULAR DE PARNAÍBA .....</b>	<b>30</b>
3.1 Como Simplício Dias da Silva era visto pelos populares na década de 1970 .....	31
3.2 Como a memória popular de Simplício Dias da Silva é retratada no periódico “O Bembém” .....	36
<b>4 AS MEMÓRIAS DE SIMPLÍCIO DIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL .....</b>	<b>45</b>
4.1 Análise da unidade 2 - “História e memória” .....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa analisar as representações sociais de Simplício Dias da Silva e a permanência dessa memória heroica e lendária em Parnaíba-PI. Simplício Dias da Silva foi coronel e um dos responsáveis a proclamar a independência na cidade de Parnaíba. Ele foi um rico fazendeiro que teve grande influência econômica e política na Vila de São João da Parnaíba (nome dado a Parnaíba na época). Era detentor de muita riqueza e poder, possuía muitos escravizados e um casarão<sup>1</sup> que até hoje é destaque na cidade.

A partir da narrativa biográfica escrita em livro chamado “Simplício Dias da Silva: seu nascimento até sua morte”, do memorialista José Nelson de Carvalho Pires, ressalta-se uma breve história de vida dessa figura. Nessa perspectiva, Simplício Dias da Silva é filho do português Domingos Dias da Silva e da mestiça Claudina Josefa, que vieram do Rio Grande do Sul para Parnaíba entre 1868 e 1870. Simplício Dias, na infância, teve aulas particulares de português, boas maneiras e línguas, como inglês, francês e alemão. Com 11 anos, continuou seus estudos em São Luiz-MA, local que tinha grande valor intelectual na época. Em seguida, por levar uma vida mundana em São Luiz, aos 15 anos, foi mandado para Portugal, com o objetivo de estudar na universidade de Coimbra (Pires, 2008).

Porém, Simplício Dias logo deixou a universidade, pois tinha inclinação para armas e não para os estudos, ele passou por vários países da Europa e de lá trouxe sua esposa, chamada Maria Isabel Tomasia de Seixas. Após a morte de seu pai, voltou para o Brasil a fim de assumir os negócios e dar continuidade aos empreendimentos do pai, também para usufruir de sua herança. Assim, Simplício Dias da Silva, passou a controlar política e economicamente as terras e bens deixados pelo seu pai, se tornando bastante influente, temido, poderoso e popular na região (Pires, 2008).

Devido a esses feitos, Simplício Dias é até hoje lembrado na cidade, possuindo duas estátuas e uma delas localizada na praça principal de Parnaíba, a primeira ponte do município também leva o seu nome e entre outras homenagens prestadas a ele. Por ter sido um dos responsáveis a proclamar a independência, o coronel é a principal personalidade da história da cidade, sendo considerado um herói pela elite. Através desse contexto, por todas essas referências que os parnaibanos crescem vendo e ouvindo, que surgiu o interesse em fazer essa pesquisa para entender como essa memória segue preservada.

---

<sup>1</sup> Localiza-se na Av. Pres. Getúlio Vargas - Centro, Parnaíba - PI.

No estudo que será apresentado pretende-se analisar de que forma essa personalidade é rememorada no *Almanaque da Parnaíba*, que será utilizada como uma das fontes principais. O Almanaque da Parnaíba (na época chamado de Almanack da Parnahyba) é um periódico criado em Parnaíba pelo Benedito dos Santos Lima<sup>2</sup> em 1923. Esse anuário apresenta em suas páginas diversos aspectos da cidade e ainda possui edições até os dias atuais, totalizando 76 edições. Ademais, o periódico é pensado por membros da elite parnaibana que refletem suas ideias sobre política, economia, cultura e educação.

A investigação sobre o heroísmo de Simplício Dias para a elite parnaibana se apoiará em referências bibliográficas que compõem a historiografia piauiense, como “Batalha do Jenipapo e seus heróis: Símbolos de uma piauiensidade”, de Yara Conceição (2018), “A elite colonial piauiense”, de Tânia Maria Pires Brandão (1995) e outros estudos de pesquisadores acerca dessa personalidade. Além disso, terá contribuições de teóricos como Bourdieu (1989), em sua produção intitulada “O poder simbólico” e Foucault (1970), em “A ordem do discurso” que também serão relacionadas às fontes primárias proporcionando uma compreensão detalhada e crítica sobre a temática.

O trabalho será dividido em três partes: A primeira abordará a continuidade de discursos que contribuem para manter essa memória heroica até os dias atuais, por meio das análises de trechos de edições do Almanaque da Parnaíba (edições de 1936 e 1940), do livreto “Simplício Dias: Resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí, ainda o seu grande amor” escrito por José Nelson de Carvalho Pires (2007), pela análise de fotografia tirada em 2022 no dia da inauguração da estátua que homenageia o coronel na praça principal da cidade e análise de trechos do livro “Simplício Dias da Silva: o herói e sua epopeia” de 2024 do advogado Valdeci Cavalcante.

A segunda parte analisará como esta personalidade é vista no imaginário popular da cidade de Parnaíba, através de três fontes: Livro de Josias Clarence Carneiro da Silva (1978) chamado “Simplício, Simplição da Parnaíba”, o artigo de 2008 chamado “Lendas do Simplição da Parnaíba” escrito por Benjamim Santos para o jornal “O Bembém” (número 8) e o artigo chamado “Crônica da Casa Malassombrada”, também escrito por Benjamim Santos para o jornal “O bembém” em 2011, edição 37.

---

<sup>2</sup> Nasceu no município de São Bernardo do Maranhão e mudou-se para Parnaíba em 1910. Foi proprietário da mercearia “O Bembem”, jornalista e contista.

A terceira parte irá expor como Simplício Dias é citado no livro didático “Parnaíba: Cidade da gente”, que foi distribuído nas escolas municipais em 2022. Em seguida será apresentado reflexões sobre como utilizar a história e memória dessa personalidade para o ensino da história local. Ademais, o objetivo é refletir como a história da cidade e personalidades, como Simplício Dias da Silva, são retratadas no livro didático. Buscando, dessa forma, incentivar os professores e professoras a analisarem a historiografia parnaibana de forma crítica, com foco em despertar o senso crítico dos alunos através de reflexões sobre a história e produção historiográfica da cidade.

A partir disso, esta pesquisa sobre a construção da memória heróica de Simplício Dias pela elite parnaibana contribuirá para a historiografia local apresentando uma compreensão mais ampla e crítica acerca dessa importante personalidade para a história local. A utilização do *Almanaque da Parnaíba* e de fontes secundárias, que dialogam com outras pesquisas sobre a temática, ao serem articuladas para essa análise fornecerão para a sociedade outra perspectiva sobre a preservação da memória e influência de Simplício Dias na cidade, além de ajudar a entender a formação da identidade local e regional piauiense.

Ainda, os estudos que serão feitos no decorrer desse trabalho ajudarão no aprofundamento teórico e metodológico de outros pesquisadores da historiografia local. Como também, contribuirá com a possibilidade de novas estratégias de ensino de História do Piauí que serão propostas, servindo de auxílio para professores e professoras, incentivando a levarem essa abordagem para a sala de aula.

Diante do exposto, o meu interesse em fazer essa pesquisa partiu da minha infância, de quando passeava com meu avô pelo centro da cidade e ele sempre me ensinava sobre a história de Parnaíba durante as nossas caminhadas. Em meio a tantas referências de Simplício Dias que a cidade possui, nunca fiquei satisfeita e nem entendia as explicações que me davam sobre a sua importância, esse “heroísmo” nunca fez sentido para mim. Por isso, busco através da minha pesquisa trazer esclarecimentos acerca de Simplício Dias e de suas representações sociais.

Ainda nesse contexto, este estudo também contribuirá para a construção do senso crítico dos alunos, por meio de reflexões sobre a historiografia da cidade e do Piauí. Desse modo, esta investigação propõe uma abordagem crítica e nova ao analisar a relação entre o heroísmo de Simplício Dias e a elite parnaibana, como também ao analisar essa figura no imaginário popular, complementando pesquisas anteriores sobre a história do Piauí e de Parnaíba, como também gerando mais conhecimento para a sociedade local.

Tendo como objetivo geral analisar as representações sociais, omissões ou distorções acerca da História de Simplício Dias da Silva, bem como, as diferentes possibilidades interpretativas, conceituais e metodológicas para o ensino de história local. Tal proposta visa também, de forma específica, analisar os fatores que contribuíram para a construção e preservação da memória heroica de Simplício Dias da Silva, identificar possíveis omissões ou distorções na história de Simplício Dias da Silva e discutir as possibilidades de uso das diferentes representações sociais sobre Simplício Dias da Silva no ensino de história local.

Segundo o Dicionário de conceitos históricos (2009), a memória social é um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da história e essa memória é construída e mantida a partir de estímulos externos. Dessa maneira, o *Almanaque da Parnaíba* é um dos estímulos e rastros para a memória dos parnaibanos, pois repassa para os moradores de Parnaíba e para muitos intelectuais uma perspectiva heroica quando se refere a Simplício Dias e aos seus atos.

Por isso, durante a história de Parnaíba foi sendo construída uma memória coletiva<sup>3</sup> e afetiva sobre esta personalidade, deixando de lado uma visão mais crítica sobre os acontecimentos históricos da cidade. Dessa forma, cria-se uma identidade parnaibana que exalta a história da elite local, sem refletir sobre como essa memória causa impactos no presente.

Ainda de acordo com o Dicionário de conceitos históricos (2009), se pode entender que Simplício Dias da Silva também pode ser visto como um mito para a sociedade parnaibana, possuindo função na sociedade e finalidade. Assim, com base no entendimento sobre mito do antropólogo Malinowski<sup>4</sup>, no *Dicionário de Conceitos Históricos* (2009), esta personalidade funciona como forma de repassar os valores morais da sociedade, sendo mais específico, da elite parnaibana do passado e do presente.

Nesta perspectiva, vale ressaltar o conceito de folclore, que está intimamente ligado à cultura popular e ao modo de saber de um povo. Infelizmente, essa concepção é, muitas vezes, relacionada a um modo de pensar rústico e primitivo de se entender algo, sendo inferior à cultura erudita e à cultura das elites (Silva, 2009)<sup>5</sup>. No caso do imaginário acerca de Simplício Dias da Silva, é valorizado e divulgado apenas obras que remetem à história dessa personalidade de

---

<sup>3</sup> Para o conceito de memória coletiva a pesquisa se apoiará no sociólogo francês Maurice Halbwachs através da sua obra “A Memória Coletiva”, nesse livro o sociólogo aborda as relações existentes entre memória e sociedade, e como o dinamismo dessa relação interfere na formação da identidade individual.

<sup>4</sup> Bronisław Kasper Malinowski (Cracóvia, 7 de abril de 1884 – New Haven, 16 de maio de 1942) foi um antropólogo e etnólogo polaco-britânico cujos escritos sobre etnografia, teoria social e pesquisa de campo exerceram uma influência duradoura na disciplina de antropologia. Segundo ele, os mitos têm múltiplas funções sociais.

<sup>5</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. 2.ed., 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

maneira intelectual e erudita, colocando-o em uma posição de grande detentor de sabedoria, como irão conferir na próxima seção.

Por essa razão, essa divulgação da história de Simplício Dias parte da elite e de escritores (muitos não são historiadores) que pertencem a essa elite, desvaloriza a memória popular e o folclore que há em volta de Simplício Dias da Silva, invalidado a história oral local. Entretanto, tais nuances serão demonstradas por meio das análises que serão realizadas ao longo desta pesquisa, assim, esclarecendo fatos pertencentes ao imaginário local popular e elitista.

## 2 O HEROÍSMO DE SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA PARA A ELITE PARNAIBANA

Esta seção tem o objetivo de analisar fontes que mostram o empenho da elite parnaibana ao longo da história em preservar a memória heróica de Simplício Dias da Silva. Ao utilizar o AP (*Almanaque da Parnaíba*) como fonte, delimitou-se pesquisas nos almaniques das décadas de 1930 e de 1940, pois nesses períodos ocorreram a modernização e o crescimento comercial na cidade de Parnaíba. A análise se dará de forma cronológica partindo de duas fontes encontradas no Almanaque da Parnaíba de 1936 e 1940, seguindo para 2007 com o livreto chamado “Simplício Dias da Silva: Resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí. Ainda o seu grande amor” de José Nelson de Carvalho Pires. Em seguida, 2022 com a fotografia da inauguração do monumento de Simplício Dias da Silva na Praça da Graça, retirada da matéria do portal de notícias Tribuna de Parnaíba, e por fim, análise de trechos da obra de Valdeci Cavalcante chamada “Simplício Dias da Silva: o herói e sua epopeia” de 2024.

### 2.1 Século XX: Como a memória heroica de Simplício Dias da Silva é escrita no Almanaque da Parnaíba

O *Almanaque da Parnaíba* (na época chamado de Almanack da Parnahyba) é um periódico criado em Parnaíba pelo Benedito dos Santos Lima em 1923. O criador do periódico, também era conhecido como Bembém, devido ao seu comércio que tinha esse nome, nasceu no município de São Bernardo-MA e mudou-se para Parnaíba em 1910. Além de proprietário da mercearia “O Bembém”, era jornalista e contista.

Na sua mercearia, ele recebia visitas de homens cultos que se reuniam para desenvolver debates sobre diversas temáticas. Foi nesse contexto que ocorreu a criação do almanaque, que trata de forma grandiosa diversos aspectos sobre a cidade e ainda possui edições até os dias atuais, totalizando 74 edições. Ademais, o periódico é pensado por membros da elite que refletem suas ideias sobre política, cultura e educação. Suas primeiras edições contaram com artigos, poemas e crônicas sobre temas voltados, sobretudo ao progresso comercial e político da Parnaíba (Sousa, 2018)<sup>6</sup>.

Quando foi criado por Benedito dos Santos Lima, a cidade passava por uma “onda” de progresso e pela modernização econômica, por isso o Almanaque é um símbolo da

---

<sup>6</sup> SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. **Almack da Parnahyba**: desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba - Piauí (1924 - 1941). 199 p. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

modernidade. O conteúdo do periódico não se compromete com qualquer partidarismo, publicaram matérias que enaltecem o poder e que saudavam as autoridades constitucionais. Ademais, as matérias versavam sobre a cidade de Parnaíba sob viés da modernidade europeia, divulgando ideais, exaltando a sociedade que representavam a classe mais abastada social e economicamente existente à época (Sousa, 2018).

Nesse contexto, o anuário foi criado com o objetivo de noticiar o “mundo” do comércio no Piauí, especialmente em Parnaíba, apresentando discursos sobre a cidade que exaltam a sua beleza e sua harmonia, negligenciando as problemáticas que existiam durante esse período.<sup>7</sup> Além disso, suas publicidades possuíam importância para o comércio e indústria. Assim, o Almanaque defendia ideias e interesses das classes média e alta da cidade, que era em sua maioria comerciantes.<sup>8</sup>

O Almanaque da Parnaíba, segundo Sousa (2018), mostra os avanços de uma modernização conservadora e excludente, fenômeno que foi observado nacionalmente durante o século XX. Essa modernização se concentrava apenas na cidade e apenas as classes mais ricas tinham acesso às novas tecnologias e condições para consumir os produtos e serviços divulgados nas páginas do almanaque. A tese de Sousa (2018) esclarece que:

O Almanaque da Parnaíba obedece a um momento histórico em que o consumo se confunde com a vida moderna. Por seus anúncios, e ainda pelos textos densos, apresentava-se ao leitor o imperativo de consumir os novos produtos propagados e agora disponíveis no mercado de Parnaíba. Além disso, instruía seus leitores áreas como higiene, limpeza e beleza, bem como a respeito dos medicamentos inovadores, introduzidos por uma indústria farmacêutica incipiente. Esses novos conceitos de propaganda incorporavam a ideia de que a felicidade estava sempre associada ao consumo determinados produtos (Sousa, 2018, p. 143-144).

No Almanaque de 1936, corresponde a décima terceira edição, traz na capa a foto de uma criança de 3 anos, filho do gerente do Banco de Crédito Popular de Parnaíba. Não há um motivo específico para a capa, mas nota-se que essa seria uma forma de engrandecer a elite

---

<sup>7</sup> As obras “*Parnaíba historiografada: da cidade projetada à cidade habitada*” (Alvarenga, 2012), “*Entre pobres analfabetos e operários: história social de Parnaíba-PI na primeira metade do século XX*” (Costa, 2015) e “*A educação esquecida: uma análise da instrução dos trabalhadores e trabalhadoras de Parnaíba-PI através do jornal O Artista (1919-1922)*” (Silva, 2019) evidenciam aspectos negativos que assolavam a cidade de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX, como a exclusão social, a negligência com a educação popular e a distância entre o projeto urbano idealizado e as condições reais de vida da população trabalhadora.

<sup>8</sup> As firmas tradicionais que frequentemente apareciam sendo divulgadas eram a Casa Inglesa (tradicional loja de tecidos e armários), Casa Ideal (comércio de secos e molhados), Farmácia do Povo (referência em produtos farmacêuticos) e Empório Central (vendia de tudo um pouco, de ferragens a alimentos).

local. Nessa edição também aborda temáticas políticas, calendário, resenhas e outros temas sobre a cidade.

Na seção “Vultos Parnaibanos” que vai enaltecer um homem, que foi coronel, fazendeiro, advogado, maçom e político na cidade, porém o que mais se destaca nele é ser descendente de Simplício Dias da Silva<sup>9</sup>. Esse homem se chama Coronel Sebastião Hermes de Seixas, há 4 páginas seguidas no almanaque mencionando sobre seus feitos que colaboraram para o crescimento de Parnaíba.

Imagen 1 - Coronel Sebastião Hermes de Seixas.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1940.

A seção inicia tratando sobre a vida do Coronel Sebastião, traz muitos apontamentos biográficos, como o nome de seus pais, de sua esposa e de seus filhos. Informa também sobre sua formação que ocorreu no Rio de Janeiro, que era Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Após ser apresentado para o leitor em três parágrafos, vem a informação tida como mais importante: “O Dr. Sebastião Hermes de Seixas é descendente muito próximo da “Casa Grande” desta cidade, sendo bisneto de Col. Simplício Dias da Silva” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 33).

<sup>9</sup> Coronel Sebastião Hermes de Seixas, era parnaibano, constituía família na cidade, tinha esposa e três filhos. Era bisneto de Simplício Dias da Silva, se destacou na carreira política com o cargo de Intendente Municipal, na primeira organização municipal de Parnaíba.

O editor vai dignificar essa descendência, enfatizando o renome dos Dias da Silva e dizendo que o Sebastião Hermes está “acompanhando a tradição de seus maiores, honrando a sua terra natal”. A imagem de Simplício Dias aparece em destaque no meio da segunda página em que é abordado sobre as colaborações do Dr. Sebastião para a cidade:

Imagen 2 - Simplício Dias da Silva na seção “Vultos Parnaibanos”.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1936, p. 35.

Entre suas contribuições para a cidade se destaca a homenagem “aos heróis daquele brado”, fazendo referência a independência em Parnaíba. Ele incentivou a construção de uma coluna na praça principal “como símbolo-significativo daquele feito honroso”. No final da sessão de homenagem póstuma, são deferidos mais elogios ao Coronel Sebastião e o reconhecimento do Almanaque aos seus “méritos excepcionais” e por suas “virtudes cívicas e morais e justamente por provir de um dos mais velhos e ilustres troncos genealógicos da terra”(Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 35) .

Seguindo essa mesma perspectiva, mas já no Almanaque de 1940, há uma seção chamada de “PARNAÍBA (Notícia histórica)” em que aborda o início da história da cidade. Conta sobre as primeiras excursões sertanejas no Piauí, conquista de terras, colonização, criação do porto das barcas entre outros fatos. No final, enaltece os parnaibanos com ênfase na participação do povo nos movimentos cívicos, como nesses trechos: “E o povo parnaibano, é

vanguarda dos movimentos cínicos” e “Parnaíba possuia consciência cívica, o sentimento de brasiliade palpita no nossos povo, a idéa da Pátria era uma chama viva” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 37).

Os trechos citados anteriormente, referem-se ao “grito triunfal da independência” em que cita o nome de homens, entre eles Simplício Dias, como “heroes dessa jornada epica”. Nessa página, embora tenha falado nomes de outros homens de importância para os movimentos, há somente uma foto de uma pintura de Simplício Dias, o que mostra o seu protagonismo na história e nesses movimentos. Nela podemos observar uma pintura do Coronel Simplício Dias da Silva usando traje militar, com chapéu embaixo do braço e portando espada na loja Maçónica Independência<sup>10</sup>, na vila de São João da Parnahiba. No lado direito da imagem, na parte inferior, está o símbolo mais comum utilizado na maçonaria para representar os maçons, que é o esquadro e o compasso.

Imagen 3 - Simplício Dias da Silva na seção “Notícia Histórica”.



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1940.

<sup>10</sup> <https://www.freemason.pt/casa-grande-macom-parnaiba-simplicio-dias-silva/>

Em resumo, as fontes apresentadas demonstram não só a retratação de Simplício Dias da Silva como herói, mas também o processo de modernização da cidade. Fica evidente que esse processo não atingiu todas as classes sociais, pois nas páginas do Almanaque da Parnaíba citam apenas os prestígios da cidade para a classe alta e alfabetizada, que lia e consumia os produtos que eram divulgados. Porém, Sousa (2018), esclarece que:

Esse processo de modernização do espaço urbano de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX não alcançou a cidade como um todo. Além das muralhas invisíveis que margeavam o centro da cidade, havia outra, sem praças arborizadas, sem calçamento poliédrico, sem o luxo dos palacetes, sem escolas. Era a cidade da gente pobre, dos trabalhadores no comércio, das empregadas domésticas, dos estivadores do cais, que carregavam nos ombros toda a modernização, sem poder dela usufruir. Esses trabalhadores que moravam nos bairros mais distantes não tinham acesso aos avanços tecnológicos trazidos à cidade nem aos bens culturais e educacionais. Na verdade, não tinham nem mesmo uma infraestrutura básica ou acesso aos serviços públicos ou particulares (Sousa, 2018, p. 158).

Assim, a realidade descrita por Sousa (2018), não é apresentada nas páginas do Almanaque da Parnaíba, o que confirma uma história construída pela elite local e para essa elite local, fazendo com que as camadas populares não se enxerguem nessa história de influência e riqueza.

## **2.2 Século XXI: Preservação e propagação da memória heroica de Simplício Dias da Silva na contemporaneidade**

Após mais de cinquenta anos dessas publicações no Almanaque da Parnaíba, foi publicado em Parnaíba, em 2007, o livreto de 20 páginas escrito pelo professor universitário, com formação em educação física e ex-vereador da cidade José Nelson de Carvalho Pires, não é historiador. José Nelson possui outros livros que também tratam sobre a história da cidade e sobre Simplício Dias, devido a sua carreira política e por enaltecer a Parnaíba e certas personalidades, recebeu apoio nas suas publicações. O livreto tem como título “Simplício Dias da Silva: Resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí, ainda o seu grande amor.” e descreve Simplicio de uma forma heroica e enaltecendo a sua trajetória de vida.

O livreto foi escrito com o objetivo de provar para os leitores que o coronel Simplício Dias era um bom homem e isentar este de receber críticas feitas por pesquisas mais recentes sobre a história de Parnaíba, como deixa claro nesse trecho: “concluirão que tudo que se diz a respeito de SIMPLÍCIO, mostra que ELE, SIMPLÍCIO, tinha um bom coração.” [destaque do

autor] (Pires, 2007, p. 11). No contexto em que o livreto foi escrito, Parnaíba passava por um crescimento econômico que vinha desde a virada do século, por isso novas oportunidades de negócios começaram a surgir e a cidade passou a receber mais pessoas interessadas no turismo e em investimentos.

O autor no decorrer das páginas, não só engrandece o coronel, mas também o defende de muitas críticas e de boatos que há na cidade sobre atitudes ruins que ele tinha. José Nelson mostra indignação ao falar de um autor que chamou Simplício Dias da Silva de covarde por ter fugido para o Ceará após saber que a tropas portuguesas estavam vindo para a vila, como pode-se perceber nesse trecho:

FUGIR, NO SENTIDO DE PROTEGER-SE, VISTO QUE SE ELES, SEPARATISTAS, NÃO TIVESSEM TOMADO RUMO AO CEARÁ, SIMPLÍCIO TERIA SIDO SUA CABEÇA DECEPADA E REMETIDA PARA PORTUGAL. Teria sido o “TIRADENTES DO PIAUÍ (Bourdieu, 1989). (Pires, 2007, p. 18).

No final do livreto, José Nelson pede para o prefeito da época (José Hamilton Castelo Branco) construir um busto de Simplício Dias no centro cívico, usando a seguinte justificativa: “pois ELE para MIM, representa a CERTIDÃO DE NASCIMENTO DA PARNAÍBA.” [destaque do autor] (Pires, 2007, p. 20). Portanto, esse livreto com os trechos destacados do Almanaque da Parnaíba, embora sejam de tempos diferentes, possuem uma linguagem e argumentos parecidos, utilizando termos patriotas, enaltecedo a mesma personalidade e possuindo uma visão heroica sobre Simplício Dias.

Até aqui, de acordo com as fontes que foram analisadas, pode-se notar o uso de palavras de efeitos, projetadas para capturar a atenção do público para esta personalidade e transmitir uma mensagem poderosa. Essas palavras são utilizadas como emblemas para exercer poder simbólico acerca da trajetória de Simplício Dias da Silva, também sendo uma forma da elite que se inspira nesta personalidade demonstrar esse poder (Bourdieu, 1989). A seguir, o mesmo “fenômeno” será visto nas próximas fontes que serão analisadas.

Seguindo a análise das fontes, apresento-lhes essa fotografia retirada da matéria do portal de notícias Tribuna de Parnaíba<sup>11</sup>. A fotografia foi registrada por Bruno Santana, redator chefe do portal, na inauguração da estátua de Simplício Dias no dia 19 de outubro de 2022, localizada na praça da Graça. No centro da imagem está em destaque o prefeito Francisco de

---

<sup>11</sup> <https://www.tribunadeparnaiba.com/2022/10/personalidades-sao-agraciadas-pelo-prefeito-mao-santa-com-medalha-do-merito-municipal/>

Assis de Moraes Souza<sup>12</sup>, também conhecido como Mão Santa, e a primeira-dama, Adalgisa Carvalho de Moraes Souza, que desataram a fita para inaugurar a estátua. E em volta encontram-se pessoas da sociedade parnaibana e políticos que prestigiaram o momento, como pode ser observado:

Imagen 4 - Inauguração do monumento de Simplício Dias da Silva.



Fonte: Bruno Santana, 2022.

O autor da foto ao deixar a estátua, o prefeito e a primeira-dama no centro da foto provavelmente têm a intenção de reafirmar a importância dessas três personalidades políticas para a cidade, demonstrando a grandiosidade de Simplício Dias da Silva e sem deixar de destacar o apoio da prefeitura para a construção do monumento. Ao mostrar a população em volta, nota-se a preocupação do autor em registrar a admiração das pessoas diante do evento e diante da personalidade que está sendo homenageada, apontando o apoio dos moradores da cidade.

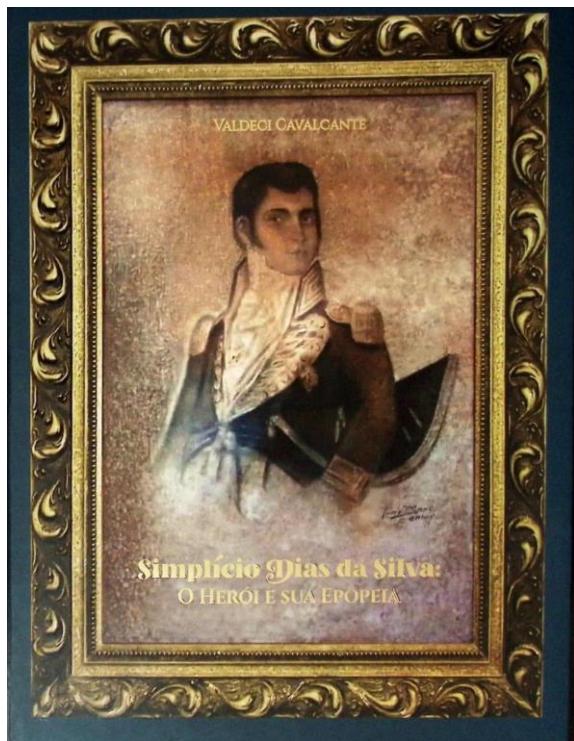
Para finalizar esta seção, é importante destacar alguns trechos que estão presentes na obra, lançada em 2024, chamada “Simplício Dias da Silva: o herói e sua epopeia”, pois irá contribuir para o entendimento da preservação da memória heroica de Simplício Dias da Silva para a elite parnaibana. O autor dessa obra é o empresário, advogado, maçom e escritor Valdeci

<sup>12</sup> Francisco de Assis Moraes Souza, também conhecido como Mão Santa, nasceu em Parnaíba-PI. É médico e político brasileiro. Atualmente é prefeito de Parnaíba em seu terceiro mandato, durante sua carreira política também foi governador por dois mandatos, senador e deputado estadual, todos esses cargos foram exercidos no Piauí.

Cavalcante, homem de grande poder e influência em Parnaíba. Ainda, foi um dos patrocinadores, via APAL (Academia Parnaibana de Letras), da estátua de Simplício Dias da Silva citada anteriormente.

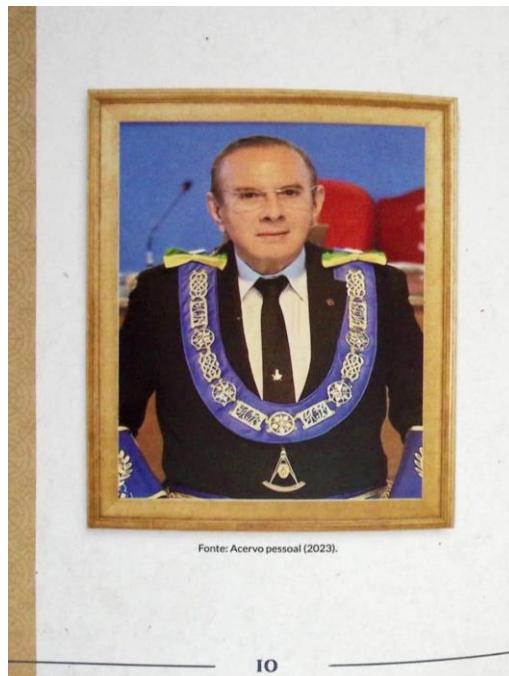
Além de todos esses atributos, Valdeci Cavalcante é grande admirador de Simplício Dias da Silva, escreveu esta obra com o objetivo de desmistificar “folclore” presentes no imaginário popular da cidade sobre o seu “Herói Pátrio” e exaltar a trajetória do mesmo. No decorrer da obra, Valdeci Cavalcante, além de mostrar sua inspiração nessa personalidade, se compara com ele e utiliza esta comparação para se autopromover, trazendo seu retrato com vestes parecidas com a de Simplício Dias, seu diploma de “Ordem do Mérito Maçônico” e trabalhos realizados em sua gestão como presidente do Sistema FECOMÉRCIO (Cavalcante, 2024).

Imagen 5 - Capa do livro “Simplício Dias da Silva: O herói e sua epopeia”.



Fonte: Livro Simplício Dias da Silva: O herói e sua epopeia, 2024.

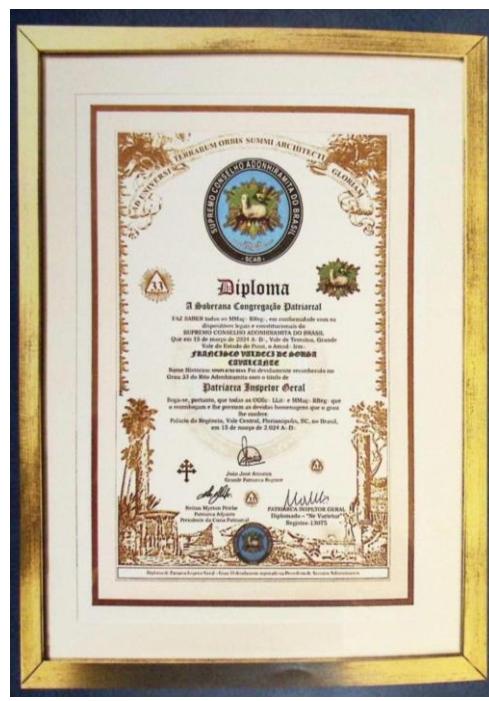
Imagen 6 - Quadro de Valdeci Cavalcante



10

Fonte: Livro Simplício Dias da Silva: O herói e sua epopeia, 2024.

Imagen 7 - Diploma da Soberana Congregação Patriarcal de Valdeci Cavalcante.



Fonte: Livro Simplício Dias da Silva: O herói e sua epopeia, 2024.

As imagens acima “revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 2014). Não é apenas um discurso e símbolo de poder, é também um objeto do desejo. Dito isso, Valdeci Cavalcante deseja ser Simplício Dias da Silva. Ao longo dessa

obra, ele demonstra que quer ser comparado e, principalmente, visto como o substituto de Simplício Dias da Silva em Parnaíba.

Um exemplo dessa inspiração, foi quando o autor elogiou Simplício Dias da Silva por ter tido a iniciativa de criar uma orquestra formada por escravizados com curso de música feito na Europa, como é demonstrado nesse trecho:

Inspirado no gesto de Simplício, este autor criou, em 2004, duas Orquestras nas cidades de Parnaíba e Teresina, as quais receberam o nome de Orquestra Jovem do Sesc. Ambas funcionam de forma gratuita, com intuito de dar acesso e formar jovens piauienses de baixa renda, os quais recebem uniformes, auxílio para deslocamento, lanche, instrumento musical e, anualmente, têm a chance de viajar para eventos de amplitude nacional e internacional, com custeio pelo Sesc Piauí, para se apresentarem e compartilharem experiências com outros jovens músicos. Esse modelo instituído pelo Sesc do Piauí foi exportado para outros estados do Brasil [...] (Cavalcante, 2024, p. 50).

Como pode ser observado, o autor descreve Simplício Dias da Silva benfeitor, pois dedicou sua vida e sua riqueza para cuidar da cidade, deu parte de sua fortuna em prol da independência do Piauí, era culto, viajado, humanista e dono de uma epopeia. Ao citar a “Ordem do Mérito Maçônico” e o grau 33 pertencente a Simplício Dias da Silva, fez referência a Jesus:

Simplício Dias da Silva foi um Maçom Eminente e Soberano para sua época. Foi elevado ao mais alto Grau do Rito Adonhiramita até então existente na Maçonaria. Isso equivaleria hoje ao Grau 33, que é o mais elevado dos Graus maçônicos. Os relevantes trabalhos que realizou em favor de sua Vila, de sua Província e pela Independência do Brasil foram frutos de sua alta conscientização e interpretação perfeita do Simbolismo da Maçonaria, especialmente quando se entende a perfeição da Simbologia: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Posso dizer que há uma perfeita sincronia entre o Grau 33 e Simplício Dias da Silva. Para tanto, citarei alguns exemplos sobre o número 33 e o que ele representa. Na numerologia espiritual, o número 33 é considerado o "Mestre dos Mestres", uma vez que é formado pelo número 3, o qual está relacionado aos atributos da expansão espiritual, da espontaneidade, da mente aberta, curiosidade, coragem, assistência, talentos e habilidades individuais, além da autoexpressão.

Em termos bíblicos, Jesus, aos 33 anos de vida terrena, fez o grande sacrifício pela humanidade. O Rei David reinou durante 33 anos em Jerusalém. Jacó teve 33 filhos. José tinha 33 anos quando se casou com a Virgem Maria. Moisés e Josué derrotaram 33 reis nas guerras dos reis Nephilim. O número 3, na Bíblia, significa a Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Ou seja, o número 33 possui muita força e significado. Reportando-me, agora, à literatura, o poema épico de Dante Alighieri, chamado Divina Comédia, é composto exatamente de 3 partes, cada uma com 33 estrofes. No que diz respeito a nós, seres humanos, são 33 os ciclos lunares da gestação, 33 as

vértebras no corpo humano e 33 as voltas sequenciais que formam o DNA. (Cavalcante, 2024, p. 19).

Valdeci Cavalcante, ao longo de sua obra, dialoga com autores que também tem uma visão heroica acerca dessa personalidade, ele faz referência ao livro de José Nelson de Carvalho Pires, que também foi analisado nesta seção. Segundo o autor, o livro de José Nelson de Carvalho Pires traz importantes relatos sobre a vida de Simplício Dias da Silva, como fica claro neste trecho:

[...] apresentando-se como um breve resumo ideal para aqueles que querem aprender, de forma mais essencial, quem foi Simplício Dias e suas contribuições à nação, especialmente à sua província. A obra de José Nelson de Carvalho Pires traz relatos interessantes, os quais descortinam imagens folclóricas sobre o grande herói da Independência, colocando-o em lugar de destaque na historiografia mundial (Cavalcante, 2024, p. 70).

O autor cita com frequência o escritor e historiador Josias Clarence Carneiro Carneiro da Silva e sua obra “Simplício, o Simplício da Parnaíba”, fala do desejo de reeditar o livro, mas conluio que as “maldades” que Josias Clarence descreve sobre a figura de Simplício Dias da Silva, segundo a interpretação de Valdeci Cavalcante, pertencem ao folclore e oralidade local sem fundamentação na literatura.

Dessa forma, Valdeci Cavalcante afirma que “cumpre-me ressaltar que esse "folclore" não fez jus à personalidade solene de Simplício Dias da Silva.” (Cavalcante, 2024, p. 23). Complementando essa discussão, o autor considera as falas negativas sobre esta personalidade como folclore enquanto as falas positivas e de exaltação são interpretadas como fatos, as quais são enfatizadas durante toda a obra que tem como proposta revisionar a história, mas na verdade vende uma ideia.

### **2.3 Relação entre as fontes analisadas**

A partir da análise das fontes apresentadas, pode-se observar que as cinco fontes analisadas retratam o patriotismo, poder, admiração e patriarcalismo em quatro recortes temporais diferentes, visto que as duas seções do Almanaque da Parnaíba são da metade do século XX, o livreto é do início do século XXI, a foto é do ano de 2022 e os tópicos analisados do livro de Valdeci Cavalcante são de 2024. Outro aspecto em comum, é a ausência de fontes históricas precisas, também de metodologias específicas de pesquisa que são necessárias e formação para desenvolver estudos historiográficos.

Nesse sentido, ao relacionar essas fontes, verifica-se que uma certa memória de Simplício Dias foi preservada e que a elite do presente continua saudando e rememorando a elite do passado. Desse modo, colabora e manipula narrativas para manter a história da alta sociedade preservada e passada com uma visão elitista que considera Simplício Dias da Silva herói e referência em Parnaíba, rejeitando e silenciando a memória popular das classes desfavorecidas.

Ao investigar a reprodução desses mesmos discursos, possuindo a mesma perspectiva ao longo dos anos, identifica-se uma construção discursiva histórica e social acerca da imagem de Simplício Dias da Silva como herói. Evidenciando um interesse particular de quem a produziu e segue preservando, mantendo essa personalidade de forma prestigiosa para Parnaíba. O filósofo, historiador e teórico, Michel Foucault (2014), em “A Ordem do Discurso” contribui para esse debate supondo que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2014, p. 8-9).

Tais narrativas “são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem” (Foucault, 2014, p. 14), permitindo refletir sobre como a história de Parnaíba foi construída, quem a construiu e como ela pode ter sido usada para legitimar, essa versão heroica acerca Simplício Dias da Silva, isso sem mostrar as fontes utilizadas. Além disso, também permite questionar, quais grupos sociais ou instituições moldaram a narrativa sobre esta personalidade e quem foi silenciado nesse processo, através de um mecanismo de controle e exclusão (Foucault, 2014).

Vale ressaltar a presença de uma estrutura de poder simbólico, outro tipo de dominação que se exerce com o consentimento dos dominados, pois parece natural. Relacionando esta pesquisa aos argumentos de Pierre Bourdieu (1989) em sua obra “O Poder Simbólico”, observa-se que a elite parnaibana, ao enaltecer Simplício como herói, impôs uma visão de mundo que reforçava seus próprios valores e interesses, fazendo com que essa representação fosse aceita como legítima pela sociedade (Bourdieu, 1989).

Trata-se de produções simbólicas que se relacionam com os interesses das classes dominantes, que foi apresentado como algo “natural” e “inevitável”. No entanto, essas descrições são resultado de uma construção simbólica da elite parnaibana e Bourdieu afirma que:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados» [destaque do autor] (Bourdieu, 1989, p. 11).

Com efeito, essa construção e dominação pode ser vista como uma disputa simbólica dentro da história cultural e da história local, pois a elite, com maior capital simbólico, conseguiu impor sua versão da história, enquanto outras narrativas foram marginalizadas e descredibilizadas. Nessa perspectiva, reafirma a posição de poder dos grupos que o promovem, convertendo a história local em instrumento de dominação simbólica (Bourdieu, 1989).

Por conseguinte, a elite parnaibana apropriou-se da figura de Simplício para construir uma narrativa heroica que reforçasse seus valores e legitimasse sua liderança. Chartier (1988), no seu livro “A história cultural”, destaca que as práticas culturais envolvem tanto a produção quanto a recepção dos discursos. Ou seja, como essa imagem foi construída e como foi recebida pela sociedade.

Ao refletir sobre a escrita da história como prática cultural, é importante pensar que a escrita de uma história é diretamente influenciada por contextos sociais e disputas de sentido, pode até mesmo ser comprada e pagar meios de comunicação para difundir vertentes específicas. Isso permite questionar e refletir sobre quem escreveu sobre Simplício Dias da Silva, com quais intenções e para quais públicos, revelando o caráter político da memória histórica (Chartier, 1988).

É fato que, na história local de Parnaíba, há uma construção e consolidação de identidades sociais como referenciais. Outro fato é que apenas uma minoria específica se identifica com essa construção identitária, como também essa minoria segue rememorando esse imaginário de uma cidade com pessoas detentoras de riqueza e poder. Nesse sentido, há em Parnaíba fundamentações históricas que a elite “intelectual” não quer que sejam alteradas por novas pesquisas que trazem novas percepções (Melo, 2015).

A historiadora e pesquisadora Vilma de Lurdes Barbosa e Melo (2015), em seu livro “História Local: Contribuições para pensar, fazer e ensinar”, aborda a importância do passado não se tornar uma narrativa fixa, mas que dialogue com o espaço-temporal, com as novas pesquisas e com o tempo presente. Ela ressalta que:

Deve-se buscar, então, a superação da prática de alguns indivíduos que assumiram a função de historiadores ou intelectuais oficiais das cidades - o médico, o padre, o bacharel em direito, o professor - e que, em suas produções, apresentam um grau exacerbado de factualismos e personalismo, em uma versão doméstica da história oficial na qual se apresenta uma listagem que exalta os grandes homens e os cidadãos ilustres que devem ser lembrados e reverenciados. Apesar desses materiais, em geral, excluírem a maior parte da população do seu conteúdo, independente da forma e da científicidade ou não, destacamos que a sua importância para o historiador reveste-se daquilo que está no conteúdo apenas como possibilidade de fonte (Melo, 2015, p. 43-44).

Em resumo, o heroísmo de Simplício Dias para a elite parnaibana é um discurso que se fez uma memória que foi articulada pela elite local do passado e segue sendo reafirmado pela elite local do presente, interferindo na construção da história de Parnaíba, reverenciando grandes nomes e um passado grandioso que foi vivido apenas por uma minoria que detinha riqueza e poder. Não representa todos os moradores da cidade e exclui as camadas pobres dessa história, como se eles não existissem. Assim, legitimam e determinam os sujeitos que merecem ser lembrados e estudados.

Para finalizar esta seção, com base no livro “O perigo de uma história única” da escritora nigeriana Chimamanda Adichie<sup>13</sup> (2019), torna-se importante destacar e considerar as múltiplas perspectivas para entender uma história. Pois, histórias únicas podem moldar a identidade de uma pessoa ou um grupo, por isso, é dever de todo historiador reconhecer a diversidade das histórias em suas pesquisas. Desse modo, o historiador acaba não promovendo exclusão de narrativas e não exercendo controle sobre as pessoas.

---

<sup>13</sup>Chimamanda Ngozi Adichie é atualmente uma das maiores vozes da literatura africana contemporânea, suas obras já foram traduzidas para mais de trinta idiomas. É conhecida por suas obras, como "Meio sol amarelo", "Americanah" e "Sejamos todos feministas". Além de sua carreira literária, Adichie é uma feminista ativa e suas obras abordam temas de identidade, gênero e cultura.

### 3 SIMPLÍCIO DIAS DA SILVA NO IMAGINÁRIO POPULAR DE PARNAÍBA

Esta seção tem como objetivo analisar três fontes: o primeiro, trechos do livro “Simplício, Simplição da Parnaíba (1978)”, de Josias Clarence, o segundo, artigo de 2008 chamado “Lendas do Simplício da Parnaíba”, escrito por Benjamim Santos para o jornal “O Bembém” (número 8) e, por último, o artigo chamado “Crônica da Casa Malassombrada”, também escrito por Benjamim Santos para o jornal “O bembém” na edição 37 de 2011. Todas essas fontes trazem perspectivas acerca de Simplício Dias da Silva no imaginário popular de Parnaíba, tendo a intenção de mostrar que não há somente uma visão sobre ele, que é transmitida e preservada pela elite, mas que há também a interpretação do imaginário popular sobre essa personalidade.

É válido destacar que, em meio aos esforços de historiadores e intelectuais piauienses em construir heróis para a população do Estado e dos municípios, muitos destes não são vistos como salvadores, pois não se relacionam com a identidade cultural e socioeconômica da população mais pobre. Sobre esta perspectiva de criação de heróis, sendo Simplício Dias da Silva um deles, a historiadora Yara Conceição afirma:

No entanto, é importante frisar que a figura de Simplício não está ligada apenas ao aspecto heroico, mas também a de bandido, haja vista que a sua imagem encontra-se envolvida em lendas e mistérios a respeito dos maus-tratos aplicados aos seus escravos, como por exemplo, deixar que onças pretas os devorassem, para o deleite de seus ilustres convidados (Moura, 2018, p. 6).

Com isso, analisamos as duas versões da história – as narrativas produzidas pela elite política e econômica e pelo imaginário popular<sup>14</sup>, buscando compreender sua valorização enquanto narrativas que surgem de forma frequente e concomitante. Desse modo, o imaginário popular deve ser reconhecido e valorizado pela historiografia, desconstruindo os silêncios que existem em torno da história e dos valores culturais das pessoas mais humildes e simples da sociedade parnaibana.

---

<sup>14</sup> Entende-se como imaginário popular, segundo reflexões do antropólogo francês François Laplantine (1996), o conjunto de situações históricas e culturais que representam significados à determinada vivência de grupos sociais em seus ambientes.

### 3.1 Como Simplício Dias da Silva era visto pelos populares na década de 1970

A primeira análise de fonte será a introdução do livro, fruto de quase dois anos de pesquisa, de Josias Clarence Carneiro da Silva, que foi professor titular de História Geral da Faculdade de Educação de Caxias, chama-se “Simplício, Simplição da Parnaíba” e é de 1978. Nessa obra, o autor retrata o Simplício Dias da Silva no imaginário popular, fugindo da memória de uma personalidade heroica que a elite parnaibana preserva e divulga até os dias atuais. Ressalta-se, que a análise será da introdução e das considerações finais da obra.

Imagen 7 - Capa da obra.



Fonte: Biblioteca da UFPI - Teresina.

O autor fez pesquisas de campo, observações e coletou dados durante quase dois anos, que foram fundamentais para complementar os relatos. Josias Clarence colheu depoimentos pessoais em Piracuruca, Buriti dos Lopes, Parnaíba e Luís Correia, tendo como propósito revelar como Simplício Dias da Silva é visto e julgado “pela gente simples do Baixo Parnaíba”. Ele busca ainda, na sua pesquisa, traçar o retrato psicológico dessa figura buscando “auxílio da teoria freudiana para o estudo do comportamento e da personalidade” de Simplício Dias da Silva (Clarence, 1978, p. 15).

A obra possui trinta tópicos, que vão da Introdução, Origens até Moral, totalizando 281 páginas textuais. A maioria dos tópicos têm como título o nome de lendas e histórias

relacionadas a Simplício Dias, estas foram preservadas ao longo de muitos anos e passadas de geração em geração. Embora tais enredos sejam importantes para a preservação desta personalidade, os intelectuais costumam não falar sobre e consideram irrelevantes para a memória de Simplício Dias da Silva.

Imagen 8 - Sumário da obra.

<b>Sumário</b>	
<b>OBRA-PRIMA — (Apresentação) A. Tito Filho (Pres. Academia Piauiense de Letras)</b>	
<b>Introdução</b>	<b>15</b>
<b>As Origens:</b>	<b>25</b>
<b>Uma Infância Prosaica e uma Mocidade de Galanterias</b>	<b>28</b>
<b>Coimbra, o Desafio não Aceito</b>	<b>59</b>
<b>Viagem pela Europa um Brasileiro Excêntrico</b>	<b>69</b>
<b>Lisboa - Uma Cidade Conquistada</b>	<b>130</b>
<b>O Pavão de Ouro e o Rapto de Maria Isabel</b>	<b>132</b>
<b>O Desembarque dos Amantes no Brasil</b>	<b>142</b>
<b>Simplicio, o Grão-Senhor da Parnaíba</b>	<b>153</b>
<b>O Pavilhão de Caça</b>	<b>162</b>
<b>A Galeota Verde</b>	<b>178</b>
<b>Quadro de Horrores: Supícios e Torturas como Divertimentos</b>	<b>182</b>
<b>O Supício da Ampulheta</b>	<b>185</b>
<b>Os Bailes das Festas do Rosário</b>	<b>188</b>
<b>As Onças do Fosso</b>	<b>196</b>
<b>O Soalho de Ouro do Casarão</b>	<b>224</b>
<b>As Lutas pela Independência</b>	<b>230</b>
<b>O Cacho de Bananas de Ouro</b>	<b>232</b>
<b>O Corpo-Seco e as Aparições</b>	<b>240</b>
<b>O Casarão Assombrado e o Cavalo enterrado na Igreja</b>	<b>246</b>
<b>A Morte</b>	<b>245</b>
<b>O Novo Sepultamento</b>	<b>251</b>
<b>Ronda pela Planície um Fantasma Solitário</b>	<b>256</b>
<b>As últimas Aparições</b>	<b>265</b>
<b>O Epílogo de Glórias</b>	<b>274</b>
<b>Plecha Didática</b>	<b>277</b>
<b>Referências Artísticas e Literárias</b>	<b>277</b>
<b>Veriações</b>	<b>279</b>
<b>Características e Correlações</b>	<b>279</b>
<b>M O R A L</b>	<b>281</b>

Fonte: Biblioteca da UFPI - Teresina.

A apresentação da obra foi escrita pelo intelectual piauiense José Arimatéa Tito Filho, que se destacou como advogado, professor de português, jornalista e cronista, também foi presidente da Academia Piauiense de Letras por mais de 20 anos<sup>15</sup>. Ele afirma que “as lendas se apoiam em fatos e pessoas tradicionais, que passam de geração a geração, modificando-se”, com esta frase, o professor demonstra valorizar as pesquisas voltadas para o folclore das camadas populares. Como pode-se ver:

<sup>15</sup> MIRIAM, Francisca. (A. Tito Filho) – Dados Biográficos. *Recanto das Letras*, 27 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/3121632>>. Acesso em: 15 set. 2025.

Josias Carneiro da Silva buscou a fama ingrata de Simplício Dias da Silva e dela fez livro maravilhoso. Nada inventou. Antes recolheu a voz do povo, o reconto andante da boca em boca, e realizou das mais ilustres narrativas que tenho lido (Clarence, 1978, p. 12).

Nesse sentido, Josias Clarence renunciou da fama heróica e dos feitos patrióticos de Simplício Dias da Silva para fazer uma pesquisa sobre o seu lado lendário, existente na memória popular de parnaibanos dos anos setenta. Esses relatos lendários resistiram ao longo do tempo, se mantendo firmes em meio a perspectivas gloriosas que são mais ressaltadas e valorizadas pela elite intelectual parnaibana, esta possui mais controle sobre a história da cidade e de enredos sobre esta personalidade.

Vale ressaltar que, durante o Piauí Colonial, as regiões da província eram comandadas por famílias que estavam em posição dominante na sociedade, assim a população rural era refém da aristocracia rural, como afirma a historiadora Tanya Maria Pires Brandão (1995). A elite piauiense era composta de pessoas que pertenciam a grandes famílias, que possuíam muitas extensões de terra, poder político-econômico e muitos escravizados (Brandão, 1995). Foi nesse contexto que Simplício Dias da Silva nasceu e viveu, sendo localizado na Vila de São João da Parnaíba e também nos arredores, seu monopólio e de sua família.

Antes de prosseguir com as análises da obra, é necessário abordar o conceito de folclore para melhor compreensão. Folclore é o conjunto de manifestações e costumes de um povo que são preservados pela tradição popular, também pode ser chamado de “cultura popular tradicional”. Nesse contexto, percebe-se que as tradições formam a identidade dos indivíduos de uma determinada região e suas concepções da própria história, seja de si ou do local em que vive (Silva, 2009).

No entanto, o folclore ainda é apresentado e entendido como “uma elaboração rústica e primitiva de cultura, inferior à cultura erudita, à cultura das elites” (Silva, 2009, p. 155). Segundo Silva (2009), no Dicionário de Conceitos Históricos, há também uma perspectiva contrária que remete a uma valorização desse saber:

Mas o folclore pode também remeter à perspectiva contrária, ou seja, à valorização do saber popular, do conhecimento daquelas camadas sociais que, mesmo em uma sociedade que mantém o conhecimento erudito restrito às elites e sendo excluídas deste conhecimento, elaboram sua própria forma de conhecimento, democrática, criativa e dinâmica (Silva, 2009, p. 155).

Josias Clarence busca apenas expor esse outro lado de Simplício Dias da Silva, se mostra isento em alguns trechos, mas na maioria deles, argumenta a favor de como esta figura

é vista pela elite. Verifica-se que a obra possui forte influência do ponto de vista do autor, com interpretações subjetivas pouco fundamentadas, também há ausência de aparato crítico consistente, o mesmo ocorre nas produções literárias da elite parnaibana. Exemplo disso é o momento em que o autor analisa os comportamentos cruéis e soberbos de Simplício Dias, mas em seguida, procura justificar tais comportamentos tiranos e que fogem da posição de líder patriótico, intelectual e refinado.

Não omitimos, nesta visão global, as excentricidades, o auto-exibicionismo, o esnobismo e o exagerado senso de mando e poder. A mania de grandeza, a ostentação, o luxo, os caprichos e prodigalidades cristalizadas na estrutura psíquica simpliciana, que tanto o identificam pelo Brasil inteiro, ocultavam no fundo o esforço empreendido para superação dos sentimentos de inferioridades cuja origem se encontra no nascimento espúrio, na cor e na condição social inferior de sua genitora (Clarence, 1978, p. 15).

Ao falar da origem de Simplício Dias da Silva, este diferencia-se da origem das demais elites piauienses, pois não foi fruto do sistema de parentesco existente na época em que a estrutura familiar surgia da relação matrimonial entre pessoas da mesma família com o intuito de acumular bens e riquezas (Brandão, 1995). Ele era mestiço, apesar de destacar apenas sua descendência portuguesa e o nome de sua mãe ter sido ocultado de sua história pelos “intelectuais” da elite parnaibana, que foram os responsáveis por manter sua imagem. Assim, Josias Clarence buscou justificar a crueldade de Simplício pela não aceitação deste de suas origens.

O pesquisador aborda diversas visões sobre Simplício Dias da Silva. Segundo ele, na vida pública esta personalidade é o nobre defensor da independência nacional, para os adversários, estes sendo declarados ou não, Simplício Dias é um pseudo líder e “fujão”. Ainda nesse panorama, há a visão das elites urbanas “que reconhece uma soma considerável de dados positivos na individualidade um tanto ambígua dessa celebridade parnaibana” (Clarence, 1978, p. 16) e a das camadas populares, que é considerada inferior pelo autor, como podem observar:

[...] e o da imagem esteriotipada e tradicionalmente consagrada pela gente inulta das zonas suburbanas e campestre do litoral mafrense: o nobre excêntrico, vaidoso, desapiedado e cruel. Os integrantes do primeiro ciclo, pelo refinamento cultural de que são dotados, souberam distinguir as devidas proporções existentes entre a verdade histórica e a tecedura da fantasia popular (Clarence, 1978, p.16).

De forma crítica, como explica Thompson (1991) em “Costumes em Comum” ao refletir sobre a “cultura patrícia e plebeia”, o modo de pensar e as tradições orais das camadas

populares não dependem da cultura erudita para existir e assume essa oposição na historicidade que a elite busca impor. Sendo assim, a tradição oral resiste à exploração e aos ritos do “paternalismo e da deferência”, tendo como a transmissão oral o principal meio de preservar seus costumes, opiniões e saberes (Thompson, 1991).

Os chamados “integrantes do primeiro ciclo” em que o autor se refere no trecho são as pessoas que compõem as elites urbanas, especialmente de Parnaíba que, segundo Josias Clarence, era o centro econômico e intelectual da colônia piauiense, deixando claro que esse posto não pertencia a Oeiras<sup>16</sup>. O autor também afirma que existem inúmeras causas para a criação da imagem negativa de Simplício Dias da Silva e aponta as principais:

[...] o orgulho, o desejo de superioridade e domínio próprio da nobreza, a vaidade e, por que não dizer, a tirania. Além desses atributos depreciativos, o isolamento social propositadamente mantido pelos senhores da Casa-Grande, relativamente às classes menos favorecidas, agravou ainda mais a animosidade que contra eles a gente humilde cultivava. Nasceram daí as histórias fantásticas, as calúnias impiedosas, divertidas e maliciosas em torno dos gentis-homens da Casa dos Dias da Silva, concebidas no melhor padrão do espírito do século XIX, em que o tempero da crueldade e da velhacaria populares não faltou, procurando desacreditá-los na posteridade (Clarence, 1978, p. 19).

Além disso, ao abordar o progresso econômico e material da região no final do século XVIII, Josias Clarence afirma que este fato se deve aos empreendimentos dos Dias da Silva e que estas atividades comerciais atraíram os primeiros imigrantes europeus para a província do Piauí. E que foram estes estrangeiros, com suas iniciativas e investimentos, os “legítimos herdeiros e sucessores do velho clã dos Dias da Silva” (Clarence, 1878, p. 20).

Josias Clarence não trata a memória popular acerca de Simplício Dias da Silva de forma importante para a história de Parnaíba, ele trata as histórias como um recurso de vingança mesquinho, sendo estas “mentiras fantasiosas e excessivamente crueis” que geraram versões desencontradas da trajetória de Simplício Dias. Segundo o autor, qualquer deslize de um homem do povo se torna condenável e que esta figura da referência da cidade de Parnaíba “pagou caro o preço de ter nascido arquimilionário, excêntrico, pródigo, esnobe e cruel” (Clarence, 1878, p. 21).

Ademais, no final do livro, na parte nomeada como Moral, o autor defende Simplício Dias da Silva, buscando justificar todas as lendas contadas no decorrer da obra. Conta que a

---

<sup>16</sup> Oeiras é um município localizado no estado do Piauí, Brasil, com aproximadamente 38.161 habitantes (Censo 2022) e área de 2.719 km<sup>2</sup>. Foi a primeira capital do Piauí.

forma como esta figura tratava os seus escravizados era boa e que foi um acerto a iniciativa de organizar e manter a orquestra e o regimento militar compostos de “gente de cor”. Dessa forma, a sensibilidade, refinamento e o senso de ordem com que Simplício Dias conduzia as atividades públicas vão contra as criações lendárias existentes.

Assim, as histórias contadas na obra são tidas apenas como “fantasia piauiense”, sendo resultado de uma “convicção ridícula” do povo, que talvez, a elite dos anos setenta se orgulhe de poder desfrutar dos rastros de “importação simpliciana”. O autor no final da obra afirma que os erros cometidos por Simplício Dias da Silva ocorreram em nome dos bons princípios de seu tempo, que a fama de mau caráter é consequência de um imaginário popular “estereotipado pela tradição oral”. Para finalizar este tópico, deixo a citação de mais uma justificativa para o jeito tido como excêntrico de Simplício Dias da Silva: “Por sua indiferença para com os humildes. Por ter procurado esquecer as origens do nascimento obscuro, produto de castas diferentes, e delas se distanciado cada vez mais criando um mundo muito seu: fechado, impenetrável [...]” (Clarence, 1978, p. 21).

### **3.2 Como a memória popular de Simplício Dias da Silva é retratada no periódico “O Bembém”**

O artigo de 2008 chamado “Lendas do Simplício da Parnaíba” escrito por Benjamim Santos para o jornal “O Bembém”, número 8, trata de histórias acerca dessa personalidade contadas pela população e lendas que foram construídas ao longo das décadas sobre Simplício Dias da Silva, cita e elogia a pesquisa de oralidade feita por Josias Clarence.

Benjamim Santos é “dramaturgo, filósofo, jornalista, professor, poeta, diretor, encenador e crítico de teatro” (Nascimento, 2017, p. 172). É natural de Parnaíba, filho de Benedito dos Santos Lima, que foi o fundador e editor do Almanaque da Parnaíba e do periódico “O Bembém” que circularam durante as primeiras décadas do século XX. Atualmente, Benjamim Santos tem 86 anos e foi responsável por grandes feitos na cidade de Parnaíba, como “a idealização, criação e curadoria do Museu do Trem de Parnaíba, inaugurado em 2002, numa antiga edificação que pertenceu à Estrada de Ferro do Piauí, e dotado de um amplo acervo” (Nascimento, 2017, p. 179)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Nascimento, Francisco de Assis de Sousa. Benjamim Santos: um dramaturgo, diretor e crítico teatral nos palcos brasileiros. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 34, p. 171-181, jan.-jun. 2017. Disponível em: [\\*Benjamim Santos um dramaturgo diretor e critico te.pdf](#). Acesso em: 25 jun. 2025.

O Jornal “O Bembém” foi lançado em Parnaíba em janeiro de 2008. Nele constam poemas, romances, memorialistas, biógrafos e personalidades parnaibanas, destaca também fotografias, depoimentos e seções que abordam a história da cidade (Souza, 2018). O periódico tinha edições mensais, possuindo assinantes que ajudavam a manter o padrão gráfico. Segundo o escritor, poeta e contista, Elmar Carvalho<sup>18</sup>, em matéria para o Portal EntreTextos, ressalta que:

O jornal cultural O Bembém circulou durante dez anos, e teve 146 números, como visto. Nele foram publicadas importantes matérias, belas entrevistas, poemas, crônicas, pequenos ensaios, perfis biográficos e artigos historiográficos, abordando os mais diferentes assuntos. Está claro que lamento essa interrupção, e espero ele volte a circular (Carvalho, 2020).

A edição número 8 foi publicada dia 21 de agosto de 2008, custava apenas dois reais, é uma edição especial pelos 50 anos da morte de Benedito dos Santos Lima. Na capa o jornal destaca o aniversário das cidades Parnaíba e Teresina, que fazem aniversário, respectivamente, dia 14 de agosto e 16 de agosto. Também há propagandas de empresas nesta primeira página e algumas informações sobre Parnaíba e nacionais, como “30 anos da morte de Clarice Lispector” e “Boi de São João chega ao meio acadêmico”. Como é mostrado na imagem a seguir:

Imagen 9 - Capa da edição número 8 do jornal *O Bembém*.



Fonte: Pasta no Google Drive.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Carvalho, Elmar. *Benjamim Santos, o Jardim dos Poetas e O Bembém*. Entretextos, 2020. Disponível em: [Benjamim Santos, o Jardim dos Poetas e O Bembém - Eclética | Portal Entretextos](https://www.entretextos.com.br/2020/01/08/benjamim-santos-o-jardim-dos-poetas-e-o-bembem-eclética/). Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>19</sup> Edições do jornal O Bembem: [https://drive.google.com/drive/folders/1k1NF\\_V-UvRmMIQ9bET-ObPrk7NtOO7PE](https://drive.google.com/drive/folders/1k1NF_V-UvRmMIQ9bET-ObPrk7NtOO7PE)

Nesta edição, próximo a numeração de cada página, o editor traz alguma frase dita pela atriz e comediante Dercy Gonçalves, como “A vida é um segredo. Num susto, se morre”. Ainda, traz poesias, programação de festival de teatro, história de Parnaíba com a seção “Benedito dos Santos Lima e a Parnaíba do seu tempo”, destaca informações da vida de seu pai e atividade de “desafio” sobre a história do Piauí e jogo de associações. Desse modo, o periódico tem como foco principal trazer informações regionais, mas também aborda notícias e curiosidades nacionais.

Retornando ao tema inicial, para esta pesquisa, é importante destacar o artigo que tem como título “As Lendas do Simplício” e como subtítulo “200 Anos de Cultura Popular de Boca em Boca, Valioso Patrimônio Imaterial da Parnaíba”. Este artigo está na página 7 do jornal, traz a pintura da imagem de Simplício Dias da Silva (focando no rosto), conta onze histórias acerca desta personalidade e é ilustrado com algumas figuras, como ferradura de cavalo.

#### Imagen 10 - Artigo sobre Simplício Dias da Silva.

Fonte: Jornal *O Bembém*, edição n. 8, 2008.

Benjamim Santos inicia o artigo falando da popularidade de Simplício Dias da Silva na história do Piauí e afirma que ele é, “para os historiadores, o principal Herói de Parnaíba”. Segundo o autor, não há pesquisas competentes que comprovem muitos fatos e adjetivos relacionados a Simplício Dias, como a fama de “conceituado industrial, poderoso comerciante de importação e exportação, dono de milhares de escravos, poliglota, amante das artes, riqueza máxima do Nordeste no final do século 18 e começo do 19” (Santos, 2008, p. 8).

A fama heroica de Simplício Dias da Silva, se deve principalmente a sua participação no movimento de independência do Piauí, que foram influenciados por ideias progressistas e liberais da Europa. No entanto, como afirma a historiadora Emília Viotti (1977) ao analisar a emancipação política do Brasil, o foco não seria mudar a estrutura social e sim, apenas, a estrutura colonial de produção. Nesse caso, tais mudanças ocorridas com o movimento de independência favoreceram exclusivamente a elite piauiense. Assim, os ricos fazendeiros tiveram liberdade comercial, acumulando cada vez mais riquezas (Brandão, 1995).

De acordo com essa perspectiva, Benjamim Santos reconhece a existência de análises conflitantes acerca dessa personalidade por parte dos atuais historiadores e “escrevedores” da história do Piauí, onde uns o defendem como herói e outros como vilão ou tirano. Por isso, o autor escreve que:

Para esse povo, Simplicio Dias é apenas o Simplição, um estroina, homem de desmando, embriagado pelo poder, judiador, espancador e torturador de escravos e de gente pobre. Por isso, sua alma sofreu castigos depois de sua morte. Alma penada por muitos e muitos anos a perambular por suas terras. A partir dessas lembranças, passadas de boca em boca e de geração a geração, o Simplição tornou-se o mais lendário personagem da História do Brasil. As histórias de sua lenda armazenaram-se na memória e no imaginário do povo parnaibano e se constituem hoje um dos mais valiosos bens do patrimônio imaterial do Piauí (Santos, 2008, p. 7).

Desse modo, o artigo ressalta a importância da memória popular de Simplício Dias da Silva, que ocorre através das lendas que são contadas, estas somam um vasto acervo oral. Nesse sentido, observa-se que as histórias sobre esta personalidade, frequentemente, misturam realidade e lenda, criando um contexto que dificulta afirmações e embasamentos para supostas certezas que são ditas por intelectuais que escrevem sobre ele.

Porém, mesmo com essa dificuldade em obter afirmações com devido embasamento histórico, as narrativas defendidas pela elite se sobressaem e se fixam como a verdadeira história de Simplício Dias da Silva. Tal fato ocorre devido a constante manutenção da cultura erudita que “dispõe de instituições especialmente organizadas a fim de transmitir, explícita ou

implicitamente, formas de pensamento” (Bourdieu, 2007). Portanto, toma-se como exemplo de instituição a Academia Parnaibana de Letras (APAL), que existe desde 1983 e é composta por intelectuais membros da elite parnaibana, estes escrevem e patrocinam obras sobre a história de Simplício Dias e da cidade, como a estátua de Simplício Dias da Silva inaugurada em 2022.

Além disso, o artigo conta algumas dessas lendas e histórias que foram popularizadas ao longo das décadas na cidade de Parnaíba acerca de Simplício Dias da Silva, tendo como títulos: A mulher-alma; Assoalho de ouro; O cavalo na Matriz, Cobra em Coimbra; Moleque assobiador; As assombrações; Dinheiro para a Rainha; A negra e a onça; Simplição morto; Bananas para o Imperador; e Nem a terra, nem o cupim, nem o mar.

De forma breve, será contado nesta seção duas histórias/lendas que estão presentes no artigo analisado, para que o leitor entenda o teor das mesmas e aprofunde seus conhecimentos sobre a história local por meio das percepções acerca de Simplício Dias da Silva. Primeiramente, a lenda chamada “Moleque assobiador” relata que assobios e ser chamado de Simplição eram duas coisas que irritam muito o coronel Simplício Dias da Silva. No entanto, nem todos os moradores da Vila sabiam disso, os que sabiam usavam essas duas formas vingar-se das maldades que ele cometia, esses se fossem pegos pelos milicianos ou escravizados de Simplício Dias podiam ser obrigados a assobiar incansavelmente, podia ser chicoteado ferozmente ou ter os lábios esfregados em pimenta malagueta, obedecendo as ordens do “algoz impiedoso” (Bembém, 2008, p. 7).

Para finalizar a análise deste artigo, se apresentará a lenda chamada “A negra e a onça”, ela conta que uma negra que possuía poderes sobrenaturais, por vingança de alguma maldade cometida por alguém da Casa Grande, passou pelo sobrado e gritou: “Simplição, quer feijão? Quer feijão, Simplição?”. Todos sabiam que ele não gostava de feijão, chamava de “comida de pobre”. Simplício Dias da Silva ficou com ódio e mandou jogar a mulher dentro de um buraco fundo, onde ele criava uma onça. Segundo a lenda, se ouvia grito e uivo, mas após três dias a onça estava morta e a mulher gritava “Simplição!”. Devido a isso, ela foi levada para longe da Vila.

De forma semelhante ao artigo anterior, a edição 37 do mesmo jornal, publicado em parnaíba dia 21 de janeiro de 2011, custando dois reais, traz em destaque na sua primeira página “Casa do Simplição era malassombrada: riqueza, ouro, luxo, comércio, política, bailes, segredos, amores, escravos, torturas e... assombrações na Casa Grande da Velha Parnaíba”. Ainda, nesta mesma página, tem o pedido para que o governo Estadual pague as dívidas de anúncios feitos no jornal “O Bembém”, tem notícias políticas, notícias do mundo da literatura e da arte, e notícias locais.

O jornal tem dez páginas e no início de cada página tem uma frase de Clarice Lispector, como “Minha força está na solidão”. Ao longo das páginas o leitor encontra veredas sobre o mundo da arte, desafio com dez questões objetivas sobre “Simplício Dias: O Herói e a Lenda” e ao lado do questionário tem a reprodução de um retrato feito em comemoração ao Centenário da Independência, em que Simplício Dias é retratado com o rosto de Napoleão Bonaparte. Além disso, encontra entrevistas, editoriais, poesias e informações da cidade de Parnaíba, históricas e atuais.

Imagen 11 - Capa da edição 37 do jornal *O Bembém*.



Fonte: Jornal *O Bembém*, edição 37, 2011.

Ao valorizar a memória popular, especialmente trazer os outros conhecimentos acerca de Simplício Dias da Silva, Benjamim Santos ajuda a compreender o significado simbólico que Simplício Dias assumiu ao longo do tempo e ver que as representações sociais são parte do tecido histórico, revelando como as pessoas comuns se relacionam com o passado. Desse modo, reconhece que a memória popular é também fonte legítima da história (Bloch, 2001).

Ademais, destaca-se o artigo, encontrado na décima página deste periódico, chamado “Crônica da Casa Malassombrada” escrito também por Benjamim Santos. Nele, o autor aborda, brevemente, um pouco da vida de Simplício Dias da Silva, Benjamim Santos relata suas memórias de infância no casarão e conta histórias que envolvem o local que Simplício Dias

cresceu e morreu. Na época em que o artigo foi escrito, o local estava passando por reformas, pois quase desmoronou por falta de cuidados com a sua estrutura e abandono.

O autor conta histórias que diferem dos contos apresentados pelos intelectuais da elite parnaibana. Ele apresenta características que não são contadas por essas pessoas, por exemplo, Benjamim Santos diz que Simplício Dias da Silva por qualquer motivo ordenava torturas aos escravos, que o coronel morreu antes dos 60 anos. Após sua morte, a família Dias da Silva entrou em decadência e “teve de carregar a marca de um patriarca impiedoso e malvado” (Santos, 2011, p. 10).

Benjamim Santos relata que quando criança brincava no espaço, pois uma colega de escola morava na antiga Casa Grande com os pais, ele afirmou que corria em todos os cômodos e que nunca viu e nem sentiu nada sobrenatural no espaço. Ele segue contanto que visitou a reforma do prédio, que ocorreu em 2011, e contou com detalhes como foi revisitar o casarão histórico.

Era eu me entranhando na Casa Grande, pisando o assoalho que poderia ter sido de moedas de ouro. E revi o que meus olhos mostravam. Ressurgiram marquesas de jacarandá, namoradeiras entalhadas, cortinas de renda branca pelas janelas, dosséis bordados a fio de ouro sobre as camas, alfaias e pratarias e porcelanas e cristais. Joel, o mestre-de-obras, me apontava isso e aquilo, coisas da restauração. Eu ouvia, mas estava atento ao que me mostrava meu espírito fantasioso. De repente um móvel que se arrasta, o marquesão desliza pela sala sem que ninguém o empurre ou puxe. Joel não vê. Meus amigos não veem. Um calafrio me subiu dos pés. Uma língua de fogo rodopiou pelo Salão das Armas e sumiu rumo à Biblioteca. Respirei atento. Era a Lenda do Simplício desabando sobre mim enquanto eu cruzava portas, deslizava a mão sobre pedras das paredes de centos anos. Era a realidade das estórias de assombração da Casa Grande (Santos, 2011, p. 10).

Nesse contexto, o autor afirma que Simplício Dias não é conhecido em todo o Estado do Piauí, sendo desconhecido no sul do Estado, em Teresina e Oeiras apenas os leitores da história do Piauí conhecem essa personalidade. Porém, enfatiza que em Parnaíba o coronel é “super conhecido pelos intelectuais e estudiosos, que o consideram herói”. Benjamim Santos também ressalta que “o seu duplo, o Simplício, é mais presente na memória do povo do que ele próprio, o político de fortuna fabulosa” (Santos, 2011, p. 10).

Outro apontamento importante que Benjamim Santos faz neste artigo é não excluir e nem diminuir a memória popular acerca desta personalidade, ao contrário, conta com detalhes de outra perspectiva interpretativa sobre Simplício Dias da Silva. Ele afirma que o povo sempre soube das maldades que Simplício Dias cometia, conta que:

[...] à margem dessa figura, na memória secular do povo parnaibano, é ainda mais viva a presença de seu duplo, o popular Simplício, ricaço, gastador, esbanjador, exibicionista, temperamental e, sobretudo, cruel torturador de escravos. É este o homem mítico da cidade, que deu origem à lenda mais rica e vasta de todo o povo brasileiro (Santos, 2011, p. 10).

Como dito antes, o povo sabia das maldades feitas por Simplício Dias da Silva, principalmente para com os seus escravizados que sofriam “torturas horripilantes e aterradoras”. Tais ruindades se espalharam pela Vila, de boca em boca. Com os acontecimentos de coisas estranhas dentro e em volta da Casa Grande, os populares diziam que eram espíritos de escravizados que em vida foram torturados por Simplício Dias e queriam vingança. Segundo o artigo, os Dias da Silva tiveram que sair, algumas vezes e por um tempo, do casarão devido a estas assombrações, o que causou medo nos moradores da Vila São João da Parnaíba (nome dado a Parnaíba, que ainda não era cidade).

Clarões súbitos ofuscavam aposentos. Num quarto, bolas de fogo surgiam, paravam no ar, rolavam pelo assoalho. Portas fechadas à chave abriam-se de repente. Choro de menino dentro da noite, gemidos de dor, campainhas a tilintar, ranger de janelas que se abriam, correntes de ferro arrastadas pelos corredores. Escravos foram os primeiros a ver. Depois os hóspedes. Por fim, todo mundo. Crescia o medo, o pânico dos moradores. Depois da meia-noite, poucos conseguiam dormir. Simplício foi aconselhado a passar uns tempos com a família fora de casa. Passaram um mês em fazenda no Buriti. A Casa foi benzida e incensada. As assombrações cessaram., mas logo que a família voltou tudo recomeçou. Passaram um mês em fazenda na Ilha. Nada de assombração na Casa Grande. Voltaram e as assombrações também. Uma chuva de pedras desabou sobre o sobrado. Milhares de pedrinhas de origem invisível. Não se via de onde vinham as pedras, caídas com tal violência. que danificavam objetos dentro das salas (Santos, 2011, p. 10).

Benjamim Santos finaliza o artigo falando sobre a importância de cuidar do casarão para manter a memória do herói Simplício Dias e do Simplício. Ele diz que após as reformas o casarão vai renascer, como nova estrutura e longe de assombrações. Dessa forma, Benjamim deseja que o responsável pelo casarão seja alguém ou algum órgão público responsável e comprometido em preservá-lo, que valorize e lembre da memória que existe em volta dele.

De acordo com o que foi apresentado, nota-se que existem dois imaginários sobre Simplício Dias da Silva: o da elite parnaibana e o dos populares. Ao analisar esta dualidade, tendo como base teórica Halbwachs (1990) em sua obra “A Memória Coletiva”, esta personalidade pode ser interpretada como uma figura que a cidade moldou de acordo com suas necessidades simbólicas. Sendo assim, o motivo pelo qual a elite intelectual quer manter essa memória heroica de Simplício Dias, pois ele os representa de forma específica.

Halbwachs (1990) explica que “lembrar” exige o apoio de um grupo. Nesse sentido, a figura de Simplício Dias da Silva juntamente com os seus enredos foi modificada em certos momentos para dar coesão social e identidade cultural para um grupo, seja ele da elite ou popular. Tal fenômeno ocorre devido aos quadros sociais que reforçam estas memórias, como a ponte, as arquiteturas, especialmente o casarão e as estátuas.

Portanto, essa dualidade de memórias, apesar de distintas, ocorre de maneira coletiva e os grupos sociais de Parnaíba são os responsáveis por manter essa imagem viva, seja como vilão ou como herói. Simplício Dias da Silva como herói local ou vilão é tanto um produto histórico quanto uma criação simbólica da elite e da população em geral.

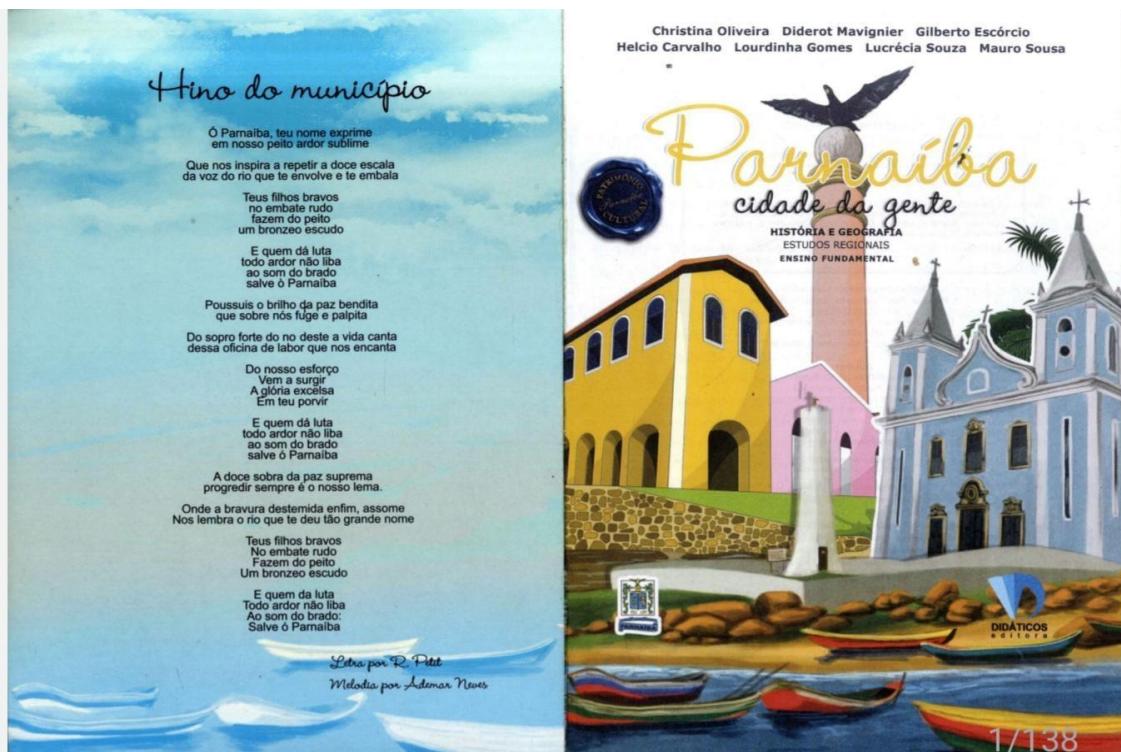
## 4 AS MEMÓRIAS DE SIMPLÍCIO DIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Nesta última seção irei analisar como Simplício Dias da Silva é visto no capítulo dedicado ao estudo da história da cidade, do livro didático das escolas municipais de Parnaíba: “*Parnaíba, cidade da gente: história e geografia: estudos regionais*”, com o objetivo de refletir sobre as diferentes representações sociais acerca de Simplício Dias da Silva no ensino de história local e, como isso pode colaborar para a formação da identidade parnaibana destes estudantes.

### 4.1 Análise da unidade 2 - “História e memória”

O livro didático sobre aspectos gerais da cidade de Parnaíba foi disponibilizado em 2021 e é destinado para o ensino fundamental das escolas municipais. A capa é ilustrada com pinturas dos lugares históricos do município, como o Porto das Barcas, monumento da Águia, praia Pedra do Sal e igreja Matriz. Já no verso do livro tem o hino da cidade. Nesse contexto, o livro possui seis unidades e 263 páginas, cada unidade foi escrita por um professor-pesquisador de Parnaíba.

Imagen 12 - Capa e verso do livro.



Fonte: *Parnaíba cidade da gente*, 2021.

A unidade 1 se chama “Lugar de viver” aborda a fauna e flora do município, unidade 2 “História e Memória”, a unidade 3 se chama “Lugar de memória” fala sobre os patrimônios históricos da cidade, seja material ou imaterial. A unidade 4 tem como título “Educação Socioambiental”, unidade 5 será sobre “Lazer e Turismo” e a unidade 6 abordará “Poder e Cidadania”.

Na carta dos autores, logo no início do livro, informa ao leitor as pretensões dos organizadores em desenvolver nos alunos o amor e respeito pela cidade, pela história e pelos parnaibanos. A ideia foi proporcionar aos estudantes um aprendizado prazeroso que possa contribuir para a formação do senso crítico. Ainda ressaltam que a obra veio para solucionar a carência de informações locais no âmbito educacional público. Assim, colaborando para o protagonismo de cada aluno e os tornando cidadãos(ãs).

No período de publicação da obra, a cidade de Parnaíba era administrada pelo ex-senador e ex-prefeito de Parnaíba, Francisco de Assis de Moraes Souza (conhecido pelo apelido de Mão Santa), também deixou uma mensagem na obra, apoiando a iniciativa e destacando que o livro possibilitará a transformação de seus leitores, transformando-os em “guias turísticos” da região litorânea, que irão repassar informações de uma terra “construída por homens e mulheres de reconhecidas ideias, lutas e realizações”. A Secretaria Municipal de Educação, também deixou uma mensagem, informando ao leitor sobre o objetivo do livro de aproximar o aluno da educação básica do município com a história de Parnaíba, contribuindo com a construção da identidade local e regional desses discentes.

Ademais, a unidade 2 deste livro, que é sobre a história da cidade e que será analisada, foi escrita pelo historiador parnaibano Diderot Mavignier. Esta unidade possui oito tópicos: Parnaíba: conhecendo nossa história; Os primeiros ocupantes; Lenda; Os primeiros tempos da Vila de São João da Parnahiba; A Vila São João da Parnahiba e a Independência do Brasil; A vila se torna cidade; Parnaíba e o seu centenário de cidade; A Furiosa. Além disso, tem atividades a respeito de cada temática e fotos da cidade no decorrer das páginas.

Sobre o historiador responsável por esta unidade, Diderot Mavignier escreve sobre a história de Parnaíba desde antes da sua formação em História na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) em 2012. Era especialista em Metodologia do Ensino de História, foi membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP), curador do museu da Maçonaria de Parnaíba e colunista do Portal Costa Norte. Ele faleceu em 10 de junho de 2024 em Teresina, deixando de herança suas principais obras: “A Maçonaria e a História da Independência do Piauí” e “A Província dos Tremembés” (Santos, 2024).

Em primeira análise, verifiquei que o autor ressalta nomes de grandes empresários no decorrer da história da cidade, traz a visão heroica de Simplício Dias da Silva e não trata acerca da história da população de Parnaíba, apenas enfatiza a história dos grandes empresários como responsáveis pelo desenvolvimento urbano e econômico da cidade. Como reflete Luiz Rufino (2021) no livro “Vence-demanda: educação e descolonização”, o “esquecimento” da história da população, faz parte de uma política de dominação que provoca desarticulação das memórias e percepções. Essa narrativa que retrata apenas os nomes de grandes homens ricos é contrária ao contexto de tradição oral das comunidades comuns de Parnaíba.

No desenvolvimento do livro didático encontram-se apenas nomes de homens membros da elite parnaibana e que foram responsáveis pelos avanços seja da província, vila ou cidade de Parnaíba, sendo considerados protagonistas dessa história. Esse discurso acaba por reforçar a dominação simbólica masculina acerca da narrativa histórica da cidade de Parnaíba. Bourdieu (2012) diz que a masculinidade pode ser comparada com a uma nobreza e traz esclarecimentos sobre essa questão:

Elas estão inscritas na fisionomia do ambiente familiar, sob a forma de oposição entre o universo público, masculino, e os mundos privados, femininos, entre a praça pública (ou a rua, lugar de todos os perigos) e a casa (já foi inúmeras vezes observado que, na publicidade ou nos desenhos humorísticos, as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico, à diferença dos homens, que raramente se vêem associados à casa e são quase sempre representados em lugares exóticos), entre os lugares destinados sobretudo aos homens, como os bares e os clubes do universo anglo-saxão, que, com seus couros, seus móveis pesados, angulosos e de cor escura, remetem a uma imagem de dureza e de rudeza viril, e os espaços ditos “femininos, cujas cores suaves, bibelôs e rendas ou fitas falam de fragilidade e de frivolidade (Bourdieu, 2012, p. 72).

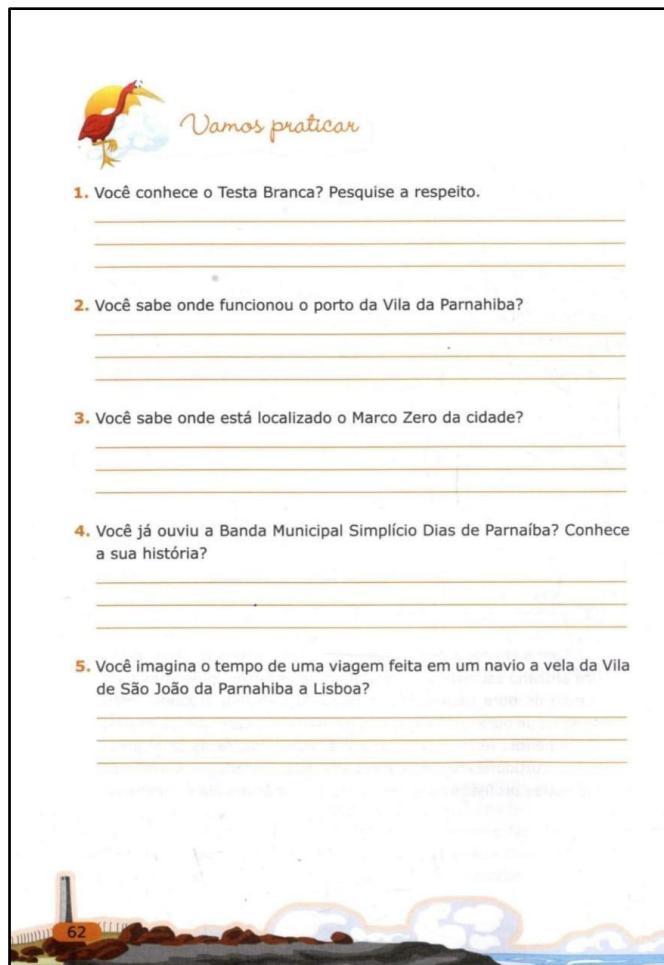
O livro colabora para essa perspectiva, pois naturaliza a participação de homens na trajetória histórica da cidade e omite a presença feminina nessa construção histórica. Diante disso, Bourdieu (2012) mostra que a dominação masculina é mantida por meio de estruturas simbólicas que naturalizam a superioridade do homem e a invisibilização da mulher. Assim, gera a violência simbólica.

Nesse sentido, ao reforçar a ordem simbólica masculina, o autor naturaliza a ideia de que apenas os homens (nesse caso, homens ricos influentes e com grande poder social-econômico) tiveram papel ativo na história. Além do mais, os estudantes aprendem, muitas vezes sem questionar o *status quo*, que o protagonismo da história narrada se apresenta marcadamente masculina por natureza e podem reproduzir essa violência simbólica. Portanto,

o modo como foi explicado esta narrativa reforça a relação estabelecida de dominação simbólica (Bourdieu, 2012).

Ao prosseguir com as análises do livro didático, nas primeiras páginas o autor indaga os leitores sobre o porquê de estudar História e a história da cidade. Ao esclarecer estas duas perguntas, explica o que é história, fonte história, para que serve o estudo da disciplina e como compreender a linha do tempo história partindo do calendário. No decorrer do capítulo, há glossários com explicações de termos presentes ao longo dos textos e curiosidades em tópicos chamados “Para saber mais”. Além disso, traz a cada um ou dois tópicos explicativos, cinco questionários com perguntas mais pessoais que não estimulam o senso crítico dos alunos, por exemplo:

Imagen 13 - Atividade do capítulo sobre História.



Fonte: *Parnaíba cidade da gente*, 2021, p. 62.

O livro aborda de forma breve uma lenda da Ilha Grande de Santa Isabel (Lenda do Morro Gemedor), apenas cita a Batalha do Jenipapo sem aprofundamentos e de forma breve,

comenta sobre os primeiros ocupantes. Com relação aos indígenas, o autor conta que eram “índios bravos”, conhecidos como Tremembé, estes defenderam sua terra arduamente e destaca a liderança do indígena Mandu Ladino. Nesse sentido, o autor não aborda de forma crítica a vivência dos primeiros ocupantes, sem mencionar os habitantes da zona rural da Vila de São João da Parnahiba e não traz explicações sobre a Batalha do Jenipapo.

Em consonância com o que discute Luiz Rufino (2021), a educação não deve estar subordinada ao modelo dominante de narrativas. Para isso, é fundamental entender que “[...] a educação deve ser entendida como uma forma de erguer existências, mobilizá-las, uma encantaria implicada em contrariar toda e qualquer lógica de dominação” (Rufino, 2021, p. 12), pois a educação tem como dever principal a descolonização.

A seguir, ao relatar a chegada dos primeiros colonizadores, ressalta a instalação do rico português Domingos Dias da Silva na vila. Este é o pai de Simplício Dias da Silva que, segundo o livro didático, trouxe riquezas para a vila, como fazendas de gado, sítios, produção de couro e charque. Também foi “grande negociante de escravos vindos da África”, além do mais, ao falar dos dois filhos do português destaca “o patriota” Simplício Dias da Silva como principal herdeiro de tamanha fortuna (Mavignier, 2021, p. 55).

Nesse panorama, quando o livro discute o desenvolvimento da vila, apresenta Simplício Dias da Silva como um homem culto, viajado e dirigente dos negócios da família. Apresenta a imagem do primeiro mapa do Delta do Rio Parnaíba de 1806, destacando que este foi desenhado graças ao empenho de Simplício Dias. Ademais, em um tópico “Para saber mais”, Diderot Mavignier traz como curiosidade para os estudantes sobre a importância da presença dos povos africanos para o desenvolvimento da vila:

Com a chegada dos primeiros colonos, chegou também o negro africano escravizado. Eles foram importantes, pois formavam a mão de obra para muitas tarefas de trabalho, atuando como mestres de obra, pedreiros, carpinteiros civis, carpinteiros navais, marceneiros, ferreiros, marinheiros, vaqueiros, facas, charqueadores, curtidores de couro, plantadores, carregadores, entre muitas outras profissões desenvolvidas para a economia parnaibana (Mavignier, 2021, p. 61).

O livro diz que a vila de São João da Parnahiba teve grande contribuição para a independência do Brasil por ter sido a primeira vila do Norte a proclamar a Independência, estando à frente do movimento “o coronel Simplício Dias da Silva” e outros homens chamados também de patriotas. Assim, para promover o reconhecimento da imagem desta personalidade, a obra apresenta a pintura em preto e branco de Simplício Dias da Silva, apresentando um

homem aparentemente branco, com traços e aparência de fenótipo português, vestindo traje militar.

Imagen 14 - Pintura de Simplício Dias da Silva.



Fonte: *Parnaíba cidade da gente*, 2021, p. 62.

Segundo o autor, outra contribuição importante deixada por Simplício Dias da Silva é a banda municipal, chamada de Furiosa. De acordo com o livro, Simplício Dias criou a banda por volta de 1810, ela foi formada por seus escravizados que tiveram formação em música no Rio de Janeiro e em Portugal. Em 2009, “a corporação passou a se chamar oficialmente Banda Municipal Simplício Dias, uma justa homenagem ao mecenas da musicalidade no Piauí” (Mavignier, 2021, p. 78).

Ademais, Diderot Mavignier trata os avanços da cidade como consequência das casas comerciais e empresas, pontuado que foi devido aos ricos empresários que “Parnaíba foi pioneira no progresso do Piauí”. Em nenhum momento cita os trabalhadores dessas empresas, estes que, provavelmente, não desfrutavam dos ambientes sociais que surgiram através do desenvolvimento da cidade. Os clubes sociais, como o cinema Éden e o Cassino 24 de janeiro, os grandes centros de ensino que foram criados, foram também consequência da modernidade.

Porém, tais espaços sociais e educacionais, não eram frequentados por trabalhadores e nem pelas camadas populares, apenas a elite se beneficiava e detinha o controle econômico e

cultural da região. Dessa maneira, o autor deixa bem explícito que “é importante ressaltar que esses investimentos eram financiados pelos grandes empresários locais e pela sociedade parnaibana” (Mavignier, 2021, p. 69).

Ainda, a historiadora Mary Angélica Costa Tourinho (2013)<sup>20</sup> explica que devido ao aumento das atividades econômicas em Parnaíba durante o século XX, formava-se instituições e obras para trazer a modernidade para a cidade e principalmente, para satisfazer os desejos da elite, como o “embelezamento urbano”. A historiadora reflete que a sociabilidade em certos locais era permitida às pessoas de “boa família”, deixando evidente os limites e diferenças entre os ricos e a camada popular (Tourinho, 2013).

É preciso entender bem a sociedade local e a sua história para não se iludir com a falsa ideia de igualdade, que muitas vezes é imposta por memorialista e pessoas que escrevem a história da cidade, como dito em seções anteriores, a maioria delas não têm formação em História. Desse modo, Mary Angélica Costa Tourinho (2013) pondera que:

Os limites do lazer e do festejar, entre diferentes sujeitos, têm fronteiras complexas e temporalidades díspares. É preciso argúcia para perceber os jogos de poder e as astúcias, engendradas, entre os diferentes envolvidos na cena e na ação. São inúmeros os elementos que se imiscuem nessa ordem. Consensos, conflitos, partilhas, hierarquias, que não excluem imposições de um grupo que dita regras do “bem viver”, da decência e o ser “civilizado”. Os passeios na praça, o lugar e o preço do ingresso em um local de diversão; a maneira, o local, a fantasia nas festas e brincadeiras carnavalescas e juninas, não são somente o divertir despretensioso. São também espaços de expressão e significação de sentidos e pertencimentos (Tourinho, 2013, p. 13).

Nessa perspectiva, os espaços de socialização de Parnaíba tinham preço e lugar social demarcado. Mesmo estando as duas classes no mesmo espaço, ainda não havia igualdade de condições nos momentos de lazer e diversão. Um exemplo dessa distinção era o Carnaval, sobre esta festividade, Mary Angélica Costa Tourinho (2013) afirma:

Em se tratando do festejar, dois registros são indispensáveis, o Carnaval e os festejos juninos. Os relatos sobre as festas dos clubes e as que se realizavam em praça pública seguiam a lógica das inúmeras distinções e aproximações. A festa do clube exigia fantasias e blocos devidamente organizados, além de confetes, serpentinas e rodós, acessórios indispensáveis, comprados nas lojas. Na rua, o desfile do corso, apanágio dos que tinham acesso a um automóvel. Entre o povo, a água, tinta e a chacota da ordem e blocos com fantasias mais simples (Tourinho, 2013, p. 10).

---

<sup>20</sup> Artigo "Memórias Parnaibanas: Narrativas de sociabilidade entre as décadas de 1930 a 1950".

Um exemplo que o livro didático traz que deixa evidente a importância dos grandes empresários é quando abordar a problemática do serviço de fornecimento de energia elétrica de Parnaíba. No qual, a energia acaba por volta das vinte e uma horas e a cidade ficava em completa escuridão, as utilizavam velas e lamparinas nesses momentos. O livro nomeia o engenheiro Alberto Tavares Silva como o solucionador do problema, como podem ver:

Para resolver esse problema, o engenheiro parnaibano Alberto Tavares Silva trouxe a Parnaíba a energia da Hidroelétrica de Paulo Afonso, linha de transmissão que se tornou uma das maiores do mundo. Parnaíba brilhou com a força da energia vinda das águas do Rio São Francisco. As escolas puderam funcionar regularmente no turno da noite, os hospitais melhoraram o seu atendimento, e até os jogos do Campeonato Parnaibano passaram a ser realizados também à luz de potentes refletores (Mavignier, 2021, p. 73).

Observa-se que o autor trata do progresso e desenvolvimento da cidade em um tom nostálgico. Como se tivesse aprisionado nessa memória da fase no qual a cidade estava recebendo influências da modernidade, demonstrando um encantamento pela Parnaíba do passado. Este fato, é problemático, pois faz com que o autor não reflita sobre o presente e nem sobre as adversidades do passado. Tal abordagem dificulta a criação do senso crítico dos estudantes, que irão conhecer a história da cidade somente por uma perspectiva.

Esta nostalgia, como conceitua o historiador Idelmar Cavalcante (2023), se trata da escriturística da saudade, que é “uma prática discursiva reativa ao tempo e a seus efeitos, na medida em que o tempo poderia afastar certos grupos sociais influentes de suas glórias do passado” (Cavalcante, 2023, p. 85). Esta prática tem como propósito impedir o esquecimento de narrativas esplendorosas, assim, um grupo ou apenas uma pessoa reage fazendo com que certas memórias continuem sendo lembradas ao longo do tempo (Cavalcante, 2023).

Por consequência disso, o autor cria uma imagem da cidade que pertence a um grupo específico que tem características diferentes do restante da população de Parnaíba, como a construção de representações simbólicas (por exemplo, o herói Simplicio Dias) que comprometem o entendimento do presente. Dessa forma, estes fatores influenciam a forma de pensar e estudar a história da cidade atualmente, principalmente pela historiografia de Parnaíba apresentar essa nostalgia do progresso vivido (Alvarenga, 2017)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Ver o artigo ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. Parnaíba Historiografada: "da cidade projetada à cidade habitada". *Vozes, Pretérito & Devir*, Teresina, Ano IV, v. VII, nº I, 2017. Disponível em: <https://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/viewFile/156/174> Acesso em: 03 nov. 2025.

Para a melhor compreensão da história local, é necessário que a sociedade como um todo construa suas representações, e estas devem ser valorizadas pelos historiadores sem distinções. No entanto, a população é vista dessa forma:

Destaca-se, assim, a consideração, por parte de elementos do governo, que repassam a ideia de que, ao povo, quase sempre iletrado, foi reservado o papel de observador na seleção daqueles fatos ou grandes personagens que devem, ou não, serem homenageados pela historiografia oficial. Entendemos que este procedimento cristaliza uma visão dos heróis que ora estão demarcando a história local através dos monumentos, símbolos, nomes de praças e ruas, publicações, entre outros (Melo, 2015, p. 45).

Diante do exposto, ao refletir sobre o objetivo do ensino de história local, que é consolidar identidades, o questionamento que surge é: “Como os estudantes irão formar sua identidade parnaibana, se não se veem na história da cidade?”. Infelizmente, há um procedimento de exclusão na historiografia parnaibana e entre alguns pesquisadores da cidade, no qual é interessante pesquisar apenas o que pertence à elite, às glórias parnaibanas patrióticas e seu avanço econômico (Alvarenga, 2017).

Nesta perspectiva, não se está propondo uma história local que, a exemplo da historiografia tradicional eurocêntrica, apresente-se de forma linear ou que defenda a ideia de evolução e progresso para a compreensão da história. Não seria a história local guardiã de um conhecimento que, gerado a partir de si mesmo, estaria apto a explicar a totalidade da história, ou mesmo propondo tornar-se um conhecimento autossuficiente. Ao contrário, apresenta a possibilidade de uma prática relacional entre contextos diferenciados, contemplando a diversidade histórica dos lugares e dos seus protagonistas (Melo, 2015, p. 46).

Nesse caso, um dos motivos para esse procedimento de exclusão foi o processo de modernização do espaço urbano de Parnaíba, no início do século XX, pois não alcançou toda a cidade. Além do mais, a principal fonte usada pelos pesquisadores é o Almanaque da Parnaíba, este não aborda críticas sociais e nem as problemáticas vividas por populares da época. Sobre o modo de vida dos populares na cidade, Cleto de Sousa (2018) esclarece:

Esse processo de modernização do espaço urbano de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX não alcançou a cidade como um todo. Além das muralhas invisíveis que margeavam o centro da cidade, havia outra, sem praças arborizadas, sem calçamento poliédrico, sem o luxo dos palacetes, sem escolas. Era a cidade da gente pobre, dos trabalhadores no comércio, das empregadas domésticas, dos estivadores do cais, que carregavam nos ombros toda a modernização, sem poder dela usufruir. Esses trabalhadores que moravam nos bairros mais distantes não tinham acesso aos avanços

tecnológicos trazidos à cidade nem aos bens culturais e educacionais. Na verdade, não tinham nem mesmo uma infraestrutura básica ou acesso aos serviços públicos ou particulares (Sousa, 2018, p. 158).

Com isso, percebe-se a carência do olhar crítico para a história da cidade, isso fica claro no capítulo do livro escrito por Diderot Mavignier. O historiador(a) deve ter consciência de que ele também faz parte de um contexto cultural e político que pode influenciar sua escrita. Por isso, deve-se ter em mente a utilização do passado como campo de investigação crítica, não se limitar a narrar fatos. Mas formular perguntas ao passado e analisar todas as perspectivas, assim, a história se torna uma “história-problema” (Burke, 1992).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, as análises desenvolvidas ao longo dessa pesquisa possibilitam a compreensão de que a figura do coronel Simplício Dias da Silva adentra o universo simbólico e político da construção da memória parnaibana. A partir da análise de diferentes fontes, observa-se a memória dessa figura foi construída, manipulada e ressignificada conforme os interesses de determinados grupos sociais. Sendo a elite parnaibana, a principal responsável por unir forças sociais e simbólicas atuantes na construção e perpetuação da memória de Simplício Dias em Parnaíba-PI.

O estudo demonstrou, em primeiro plano, que a imagem heroica atribuída ao coronel foi resultado de um processo contínuo de legitimação simbólica, sustentado por discursos e práticas culturais que reproduzem e reforçam o poder da elite local. Nessa perspectiva, Simplício Dias tornou-se um ícone da identidade parnaibana, cuja memória foi cuidadosamente moldada para exaltar valores de patriotismo, civilidade e prestígio social.

Porém, esse movimento de construção e legitimação ocorria enquanto silenciava narrativas dissidentes e marginalizava o olhar das camadas populares, sem pesquisa profissional. Sobre isto, observa-se a materialização do que Bourdieu (1989) denomina *poder simbólico* uma forma de dominação que se impõe de maneira sutil, naturalizando hierarquias e perpetuando relações de desigualdade. Assim, por meio dessa personalidade, a elite reafirma sua própria posição de poder e herança histórica.

Em contrapartida, esta pesquisa resgatou a persistência de uma memória popular, que em meio a tentativas de silenciamento, resiste até os dias atuais. Este imaginário popular, analisado através dos escritos de Josias Clarence e Benjamim Santos, revela uma perspectiva contrária às narrativas impostas pela elite. Nelas, Simplício Dias é apresentado pelo viés da残酷, da excentricidade e da opressão.

Esse cenário, muitas vezes é desconsiderado pela historiografia tradicional parnaibana, pois evidencia o valor da memória oral e do folclore como instrumentos legítimos de interpretação histórica. Além do mais, atesta a narrativa hegemônica, em conformidade com as reflexões de Chartier (1988), sobre a pluralidade das representações e a dinâmica cultural de produção de sentidos. Dessa forma, ressalta a premissa de Michel Foucault de que todo discurso histórico é resultado de um jogo de poder, exclusão e seleção.

Este estudo reforça a importância de reconhecer a história local como um campo de disputas simbólicas, no qual existe a construção de versões e interpretações sobre o mesmo passado. Entender que o discurso histórico é um dispositivo de poder que seleciona e exclui

saberes, amplia a compreensão sobre a memória de Simplício Dias como um produto social e político, e não apenas como registro factual de um personagem histórico.

Além disso, este trabalho contribui para a reflexão crítica sobre o ensino de história local, apontando a necessidade de incorporar abordagens que problematizam as narrativas oficiais e estimulem o pensamento histórico-crítico dos discentes. Por isso, a análise do livro didático *Parnaíba: Cidade da gente* confirmou o desafio de transpor a pesquisa acadêmica para a prática pedagógica. Ainda, a pesquisa busca fortalecer o compromisso do ensino de história com a formação cidadã e com a valorização dos diferentes contextos históricos que compõem a sociedade parnaibana.

Ademais, sugere-se, como principal contribuição prática deste estudo, a adoção de uma abordagem crítica e multifacetada. Pois é importante que o ensino de história em Parnaíba abrace a complexidade da figura de Simplício Dias, confrontando a versão oficial com as narrativas populares e as críticas historiográficas. Desse modo, esta abordagem permitiria aos estudantes uma compreensão mais profunda da história como um processo de construção social e disputa de sentidos, e não como uma mera sucessão de fatos gloriosos.

Em suma, a história de Simplício Dias da Silva não deve ser entendida como linear ou absoluta, mas como um mosaico de memórias em constante disputa. Entre o herói exaltado e o vilão temido, existe um espaço de múltiplas interpretações que revelam as complexas relações entre poder, discurso e identidade. Nesse contexto, é válido repensar o passado de Parnaíba e, consequentemente, a própria construção da história piauiense. Por fim, espera-se que este trabalho inspire futuras pesquisas que aprofundem o estudo das representações de poder e da memória popular na historiografia piauiense.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. Parnaíba Historiografada: "da cidade projetada à cidade habitada". **Vozes, Pretérito & Devir**, [S. l.], v. VII, n. I, 2017.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CAVALCANTE, Idelmar. Feliz o Aquiles que tem o seu Homero: a escriturística da saudade e a construção dos “heróis” parnaibanos. In: BOTTON, Fernando Bagiotto; CUNHA, Renata Cristina da (orgs.). **Ensino de história: teorias, práticas e novas abordagens** [livro eletrônico]. Volume 4: O heroico, o lendário e o fabuloso: fronteiras transdisciplinares entre ensino de História, memória e literatura. Recife: Edupe, 2023. (Ensino de História, v. 4).
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- COSTA, Emilia Viotti. **Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil**. In: MOTA, Carlos Guilherme: (org.) Brasil em perspectiva. 9". ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 93.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. -- 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História Local**: contribuições para pensar, fazer e ensinar. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MOURA, Iara Conceição Guerra de. A Batalha do Jenipapo e seus heróis: símbolos de uma piauienseidade. **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**, Teresina, v. 7, n. 2, jun./dez. 2018.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021. 84 p.

SOUZA, Cleto Sandys Nascimento de. **Almack da Parnahyba: desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba - Piauí (1924 - 1941)**. 199 p. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Memórias parnaibanas**: narrativas de sociabilidades entre as décadas de 1930 a 1950. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal.

PIRES, José Nelson de Carvalho. **Simplício Dias da Silva: seu nascimento até sua morte**. Parnaíba: Sieart, 2008

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. 2.ed., 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Benjamim Santos: um dramaturgo, diretor e crítico teatral nos palcos brasileiros. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 34, p. 171-181, jan.-jun. 2017. Disponível em: [\\*Benjamim Santos \\_ um \\_ dramaturgo \\_ diretor e \\_ critico \\_ te.pdf](#). Acesso em: 25 jun. 2025.

CARVALHO, Elmar. Benjamim Santos, o Jardim dos Poetas e O Bembém. **Entretextos**, 2020. Disponível em: [Benjamim Santos, o Jardim dos Poetas e O Bembém - Eclética | Portal Entretextos](#). Acesso em: 25 jun. 2025.

SOUZA, Priscila de Moura. **Assis Brasil entre a História e a ficção**: transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940. 201 p. 2018 Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2018.

SANTOS, Daniel. Parnaíba perde o historiador e escritor Diderot Mavignier. **Portal Costa Norte**, 10 jun. 2024. Disponível em: <https://portalcostanorte.com/parnaiba-perde-o-historiador-e-escritor-diderot-mavignier/>. Acesso em: 18 set. 2025.

## Fontes

ALMANAQUE DA PARNAÍBA (AP). Ano XIII. Parnaíba, 1936.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA (AP). Ano XVII. Parnaíba, Gráfica Renascença, 1940.

CAVALCANTE, Valdeci. **Simplício Dias da Silva**: o herói e sua epopeia/Valdeci Cavalcante. Parnaíba: Sieart, 2024.

MAVIGNIER, Diderot. Parnaíba - PI: História e memória. In: OLIVEIRA, C. et al. **Parnaíba cidade da gente**: história e geografia: estudos regionais ensino fundamental. Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2021. p. 50-81.

PIRES, José Nelson de Carvalho. **Simplício Dias da Silva:** Resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí. Ainda o seu grande amor. Parnaíba, 2007.

SANTANA, Bruno. **Tribuna de Parnaíba.** Parnaíba, 2022. Disponível em: <https://www.tribunadeparnaiba.com/2022/10/personalidades-sao-agraciadas-pelo-prefeito-mao-santa-com-medalha-do-merito-municipal/>. Acessado em outubro de 2024.

SILVA, Josias Clarence Carneiro da. **Simplício, Simplição da Parnaíba.** Teresina: Editora Correio de Timon, 1978.